J. DE ALENCAR

AS

AZAS DE UM ANJO

COMEDIA

EM UM PROLOGO, QUATRO ACTOS E UM EPILOGO
SEGUNDA EDIÇÃO REVISTA

RIO DE JANEIRO
B. L. GARNIER, EDITOR
69, RUA DO OUVIDOR, 69
PARIS, AUGUSTO DURAND, LIVREIRO, RUA DES GRÈS, 7

AS

AZAS DE DM ANJO

COMEDIA EM UM PROLOGO, QUATRO ACTOS

E UM EPILOGO

Representada no Gymnasio Dramatico, em Junho de 1858

PERSONAGENS.

LUIZ VIANNA............................SRS. PAIVA.
RIBEIRO.................................HELLER.
ARAUJO...GRAÇ,A.
PINHEIRO...................................COUTO.
MENEZES....................................P.JOAQUIM
ANTÓNIO..................................AREAS.
JOSÉ...FREITA.S.
CAROLINA................................SRAS.ADELAIDE.
MARGARIDA...........................NORONHA.
HELENA...............................CLOTILDE
UMA MENINA..F.

A scena é no Rio de Janeiro e contemporanea.

AS

AZAS DE UM ANJO

PROLOGO

Em casa de Antonio. Sala pobre.

SCENA PRIMEIRA

CAROLINA, MARGARIDA e ANTONIO.

Carolina defronto de um espelho, deitando nos cabellos dous grandes laços de fita azul. Margarida cosendo junto á janella. Antonio sentado n'um moxo, pensativo.

CAROLINA.

É quasi noite!...

MARGARIDA.

Que fazes ahi, Carolina? já acabaste a tua obra?... Prometteste dal-a prompta hoje.

CAROLINA.

Já vou; mãizinha; falta apenas tirar o alinhavo. Olhe! Não fico bonita com os meus laços de fita azul?

MARGARIDA.

Tu és sempre bonita; mas realmente essas fitas nos cabellos dão-te uma graça !... Pareces um d'aquelles anjinhos de Nossa Senhora da Conceição.

CAROLINA.

É o que disse Luiz, quando as trouxe da loja. Tinhamos ido na vespera á missa e elle vio lá um anjinho que linha as azas tão azues, côr do céo! Então lembrou-se de dar-me estes laços... Assentão-me tão bem; não é verdade?

MARGARIDA.

Sim; mas não sei para que te foste vestir c pentear a esta hora : já está escuro para chegares à janella.

CAROLINA.

Foi para experimentar o meu vestido novo, mãizinha... Quiz ver como hei de ficar quando fôrmos domingo ao Passeio Publico...

MARGARIDA.

Ora, ainda hoje è terça-feira.

CAROLINA.

Que mal faz?...

MARGARIDA

Está bom; vai apromptar a obra; a moça não deve tardar.

CAROLINA.

É verdade!

SCENA II

MARGARIDA e ANTONIO.

MARGARIDA.

Não sei o que tem esta nossa filha ! Ás vezes anda tão distrahida...

ANTONIO.

Quantos são hoje do mez, Margarida?

MARGARIDA.

Pois não sabes? Vinte e seis.

ANTÓNIO, contando pelos dedos.

Diabo! Ainda faltão quatro dias para acabar! Precisava receber uns cobres que tenho na mão do meslre e só no fim da semana... Que massada!

MARGARIDA.

Não te agonies, homem! O dinheiro que déste ainda

não se acabou; e hoje mesmo aquella moça deve vir buscar os vestidos que mandou fazer por Carolina.

ANTONIO.

Quanto tem ella de dar?

MARGARIDA.

Tres vestidos a cinco mil réis... Faz a conta.

ANTÓNIO.

Quinze mil réis, não é?

MARGARIDA.

Quinze justos. Já vês que não nos faltará dinheiro; pódes dormir descansado que amanhã terás o teu vinho ao almoço.

ANTONIO.

Ora Deos! Quem te falia agora em vinho? Não é para ti, nem para mim, que preciso de dinheiro.

Margarida acende a vela com phosphoros.

MARGARIDA.

Para quem é então, homem?

ANTONIO.

Para Carolina.

MARGARIDA.

Ah! Queres fazer-lhe um presente?

ANTONIO.

Tens idéas! Não!... Sim... (Rindo-) É um presente que ella ha de estimar.

MARGARIDA.

Não; sim... Explica-te, se queres que te entenda.

ANTONIO.

Lá vai. Ha muitos dias que ando para te fallar n'isto; as gosto de negocio dito e feito. Estive a esperar o fim do mez pela razão que sabes, do dinheiro; e o fim do mez sem chegar. Emfim hoje, já que tocamos no ponto, vou contar-te tudo.

Chega-se á porta da esquerda,

MARGARIDA.

Carolina está lá dentro; pódes fallar.

ANTONIO.

Não reparaste ainda n'uma cousa?

MARGARIDA.

Em que?

ANTONIO.

Nos modos de Luiz para a pequena. Como elle a trata?

MARGARIDA.

Com seriedade; não brinca com ella.

ANTONIO.

Justamente; e tu não achas que isto quer dizer alguma cousa?

MARGARIDA.

Quer dizer que Luiz é um rapaz sisudo e trabalhador.

ANTONIO.

Só?... Mais nada?

MARGARIDA.

Não sei que mais se possa ver em uma cousa tão natural.

ANTONIO.

Escuta, Margarida, tu te lembras quando eu era aprendiz de marceneiro, e que te via em casa de teu pai, que Deos tenha em sua santa gloria? Tu te lembras?... Tambem te tratava serio.

MARGARIDA.

Então pensas que Luiz tem o mesmo motivo?...

ANTONIO.

Penso; e eu cá sei porque penso.

MARGARIDA.

Descobriste alguma cousa?

ANTONIO.

Oh! se descobri! Um companheiro lá da typographia muito seu amigo me contou que elle tinha uma paixão forte por uma moça que se chama Carolina.

MARGARIDA.

Ah! Anda espalhando!...

ANTONIO.

Não estejas já a accusar o pobre rapaz; elle não disse

a ninguem. Um dia no trabalho... Mas tu sabes como é o trabalho d'elle?

MARGARIDA.

Não; nunca vi.

ANTONIO.

Nem eu; porém disserão que é fazer com umas lettras de chumbo o mesmo que escreve o homem do jornal. Pois n'esse dia, Luiz, que estava com o juizo cã na pequena, que havia de fazer?...

MARGARIDA.

Oque?

ANTONIO.

Em vez do que estava escripto deitou Carolina, Carolina, Carolina... Uma folha cheia de Carolinas, mulher! No dia seguinte a nossa filha andava com o jornal por essas ruas!

MARGARIDA.

Santa Maria! Que desgraça, Antonio!

ANTONIO.

Espera, Margarida; ouve até o fim. Tem lá um homem, o contramestre da typographia, que se chama revisor; assim que elle vio a nossa filha, quero dizer o nome, pôz as mãos na cabeça; houve grande barulho; mas como o rapaz é bom trabalhador accommodou-se tudo. É d'ahi que o companheiro soube e me disse.

MARGARIDA.

Psio!.:. Ahi vem ella.

ANTONIO.

Melhor! Acaba-se com isto logo de uma vez.

MARGARIDA..

Não lhe falles assim de repente.

ANTONIO.

Porque? Gosto de negocio dito e feito.

MARGARIDA.

Mas Antonio...

ANTONIO.

Não quero ouvir razões.

Entra Carolina com uma pequena bandeja cheia de vestidos.

SCENA III

OS MESMOS e CAROLINA.

CAROLINA.

Ainda cose, mãizinha? Isto cansa-lhe a vista.

MARGARIDA.

Estou acabando; pouco falta.

ANTONIO.

Vem cá. Tenho que te dizer uma cousa.

CAROLINA.

Ah ! Quer ralhar comigo, não é?

ANTONIO.

E muito, muito ; porque ainda hoje não te vieste sentar perto de mim como é teu costume para me contares uma d'essas historias bonitas que lês no jornal de Luiz.

CAROLINA.

Estive trabalhando; mas agora.,. Aqui estou. Quer saber as novidades?

ANTONIO.

Não; hoje sou eu que te vou contar uma novidade; mas uma novidade...

CAROLINA.

Qual é? Quero saber.

ANTONIO.

Já estás curiosa! Quanto mais se adivinhasses...

CAROLINA.

Ora diga!

ANTONIO.

Esta mãozinha pequenina, que escreve e borda tão bem, precisa de outra mão forte que trabalhe o aperte ella assim.

CAROLINA.

Que quer dizer, meu pai?

ANTONIO.

Não te assustes. As moças hoje já não se assustão quando se lhes falia em casamento.

CAROLINA.

Casamento!... Eu, meu pai?... Nunca!

ANTONIO.

Então has de ficar sempre solteira?

CAROLINA.

Mas eu não desejo casar-me agora. Mãizinha, eu lhe peço !

MARGARIDA.

Ninguem te obriga; ouve o que diz teu pai; se não quizeres, está acabado. Não é assim, Antonio?

ANTONIO.

De certo. (A Carolina.) Tu bem sabes que eu não faço nada que não seja do teu gosto.

CAROLINA.

Pois não me falle mais de casamento ; fico logo triste.

MARGARIDA.

Porque, Carolina? É com a idéa de nos deixares?

CAROLINA.

Sim, mãiziriha ; vivo tão bem aqui.

ANTONIO.

Pois continuarás a viver; Luiz mora comnosco.

CAROLINA.

Como, meu pai! E elle?... É Luiz que...

ANTONIO.

É elle que eu quero dar-te por marido. Gosta muilo de ti, e além d'isto é teu parente.

CAROLINA.

Meu Deos!

MARGARIDA.

Tu não pódes achar um moço mais bem comportado e rabalhador.

ANTONIO.

E que ha de ser alguma cousa, porque tem vontade, e quando se melte em qualquer negocio vai adiante. Pobre como é, estuda mais do que muito doutor.

CAROLINA.

Eu sei,meu pai. Tenho-lhe amizade, mas amor...não!

ANTONIO.

Pois é o que basta. Quando me casei com tua mãi ella não sabia que historia era essa de amor; e nem por isso deixou de gostar de mim, e ser uma boa mulher.

MARGARIDA.

Entretando, Antonio, não lia pressa; Carolina ha de fazer dezoito annos pela Pascoa.

CAROLINA.

É verdade, mãizinha; sou muito moça; posso esperar...

ANTONIO.

Esperar!... Não entendo d'isto; quero as cousas ditas e feitas. Tu tens amizade a teu primo; elle te paga na mesma moeda; portanto só falta irá igreja. Domingo...

CAROLINA.

Meu pai! Por quem é!...

MARGARIDA.

Ouve, Antonio; é preciso tambem não fazer as cousas com precipitação.

Luiz apparece.

ANTONIO.

Não quero ouvir nada. Domingo... está decidido.

CAROLINA.

Ah! mãizinha, defenda sua filha !

MARGARIDA.

Que posso eu fazer, Carolina? Tu não conheces o genio de teu pai! Quando teima...

ANTONIO.

Não é teima, mulher. Luiz ha de ser um bom marido

ella. Se não fosse isto não me importava. Quero-lhe tanto bem como tu!

CAROLINA, chorando.

Se me quizesse bem não me obrigava...

ANTONIO.

É escusado começarem com choradeiras; não adiantão nada; o casamento sempre se ha de fazer.

SCENA IV

OS MESMOS e LUIZ.

LUIZ.

Não, Antonio.

CAROLINA.

Meu primo!

ANTONIO.

Oh! estavas ahi rapaz? Chegaste a proposito. Mas que queres tu dizer?

MARGARIDA.

Elle não aceita.

ANTONIO.

Espera, Margarida !... Falla, Luiz.

.LUIZ.

Tratava-se aqui de fazer Carolina minha mulher; mas faltava para isso uma condição indispensavel.

ANTONIO.

Qual?

LUIZ.

0 meu consentimento. Não pedi a mão de minha prima, nem dei a entender que a desejava.

MARGARIDA.

Mas tu lhe queres bem, Luiz?

LUIZ.

Eu, Margarida?

ANTONIO.

Sim; tens uma paixão forte por ella; eu sei.

CAROLINA.

É verdade?

LUIZ.

Parece-me que desde que moro n'esta casa não dei motivos para me fazerem esta exprobração. Trato Carolina como uma irmã; ella póde dizer se nunca uma palavra minha a fez corar.

CAROLINA.

Não me queixo, Luiz.

LUIZ.

Creio, minha prima ; e se fallo n'isto é para mostrar que

seu pai se illudio; nunca tive a idéa de que um dia viesse a ser seu marido.

ANTONIO.

Mas então explica-me essa historia dos typos.

LUIZ.

Dos typos?... Não sei o que quer dizer.

MARGARIDA.

Uma noite na typographia estavas distrahido, e em lugar de copiar o papel, escreveste não sei quantas vezes o nome de Carolina.

CAROLINA.

0 meu nome?... Como, mãizitiha!

ANTONIO, a Luiz.

Ainda pretendes negar?

LUIZ.

Mas era o nome de outra moça...

CAROLINA.

Chama-se Carolina, como eu?

LUIZ.

Sim, minha prima.

ANTONIO.

Pensas muito n'essa moça, para te distrahires por ella a esse ponto.

MARGARIDA.

Com effeito quem traz assim a lembrança de um nome sempre na idéa...

LUIZ.

Que fazer, Margarida? Por mais vontade e prudencia que se tenha, ninguem póde arrancar o coração; e nos dias em que a dôr o comprime, o nome que dorme dentro d'elle vem aos labios, e nos trahe. Tive n'aquelle dia esse momento de fraqueza; felizmente não perturbou o socego d'aquella que podia accusar-me. Agora mesmo ella ignora que era o seu nome...

ANTONIO.

Á vista d'isto decididamente não queres casar com tua prima?

LUIZ.

Não, Antonio; agradeço, mas recuso.

ANTONIO.

Por que razão ?

LUIZ.

Porque ella... Porque...

MARGARIDA.

Já não disse! Não lhe tem amor; gosta de outra.

CAROLINA.

E vai casar-se com ella !

ANTONIO.

• Olha lá; se é este o motivo, está direito; mas se não tens outra em vista, diz uma palavra, c o negocio fica decidido.

CAROLINA.

Meu pai!..-

ANTONIO,

Vamos. Sim, ou não?

LUIZ.

Não; amo a outra...

CAROLINA.

Ah!...

ANTONIO.

Está acabado! Não fallemos mais n'isto.

CAROLINA.

Obrigada, Luiz; sei que não mereço o seu amor.

LUIZ.

Tem razão, Carolina; deve agradecer-me.

SCENA V

ANTONIO, MARGARIDA e CAROLINA.

ANTONIO.

Margarida, tu conheces alguma outra moça na vizinhança que se chame Carolina?

MARGARIDA.

Não; mas isto não quer dizer nada; póde ser que aquella de quem Luiz fallou more em outra rua.

ANTONIO.

Não acredito.

CAROLINA.

Meu pai deseja por força que Luiz seja meu marido. Ainda cuida que elle gosta de mim.

ANTONIO.

D'isto ninguem me tira.

MARGARIDA.

Mas, homem, não o ouviste affirmar o contrario?

ANTONIO.

Muitas vezes a boca diz o que o coração não sente.

CAROLINA.

Ora, meu pai, por que motivo elle encobriria?

ANTONIO.

O motivo? Tu és quem pódes dizer.

Vai a sahi.

CAROLINA.

Eu ?...

MARGARIDA.

Sabes que mais, Antonio, vieste hoje da loja todo cheio de visões. Que te aconteceu por lá?

ANTONIO.

Eu te digo, mulher. Contárão-me ha dias, e hoje tornarão a repetir-me, que um d'esses bonequinhos da moda anda rondando a nossa rua por causa de alguma menina da vizinhança.

CAROLINA.

Ah!

MARGARIDA.

Então foi por isso que assentaste de casar Carolina?

ANTONIO.

Uma menina solteira é um perigo n'este tempo. (Sahindo.) Esses sujeitinhos têm umas labias!

MARGARIDA.

Para aquellas que querem acreditar n'elles.

Pausa; batem na porta.

CAROLINA.

Estão batendo.

MARGARIDA.

Ha de ser a moça dos vestidos.

SCENA VI

HELENA, MARGARIDA e CAROLINA.

HELENA.

Adeos, menina. Boa noite, Sra. Margarida.

MARGARIDA.

Boa noite.

CAROLINA.

Venha sentar-se.

MARGARIDA.

Aqui está uma cadeira.

CAROLINA, baixo a Helana.

E elle?..

HELENA.

Espere! (ALTO) Então apromptou?..

CAROLINA.

Sim, senhora; todos.

HELENA.

E estão bem cosidos, já se sabe! Feitos por eslas mãozinhas mimosas que não nascerão para a agulha, e sim para andarem dentro de luvas perfumadas.

CAROLINA.

Luvas?... Nunca tive senão um par, e de retroz.

MARGARIDA.

Quem te perguntou por isto agora ?

HELENA.

Não faz mal; porém deixe ver os vestidos.

CAROLINA.

Vou mostrar-lhe.

MARGARIDA:

É obra acabada ás pressas; não póde estar como ella desejava.

HELENA.

Bem cosidos estão elles; assim me assentem,

MARGARIDA.

Hão de assentar. Carolina cortou-os pelo molde da Franceza.

CAROLINA.

Apenas fiz um pouco mais decotados como a senhora gosta.

HELENA.

É a moda.

MARGARIDA.

Mas descobrem tanto!

HELENA.

E por que razão as mulheres hão de esconder o que têm de mais bonito?

CAROLINA.

E verdade!...

HELENA, a Margarida.

Me dê uma Cadeira. (Margarida vai buscar uma cadeira; ella diz baixo a Carolina.) Preciso fallar-lhe.

CAROLINA.

Sim!

MARGARIDA, dando a cadeira.

Aqui está.

HELENA.

Obrigada. (Senta-se.) Realemente esta menina tem muita habilidade.

CAROLINA.

Mãizinha, Vm. vai lá dentro buscar a minha tesoura? Esqueceu-me abrir uma casa.

MARGARIDA.

Não queres a minha?

CAROLINA.

Não ; está muito ce a.

MARGARIDA.

Onde guardaste a tua ?

CAROLINA.

No cestinho da costura.

Margarida sahe á esquerda. Carolina lira do bolso a tesoura, e mostra sorrindo a Helena.

SCENA VII

HELENA e CAROLINA.

HELENA.

Eu percebi!

CAROLINA.

Mas... Porque elle não veio?

HELENA.

É sobre isto mesmo que lhe quero fallar. O Ribeiro mandou dizer-lhe...

CAROLINA.

0 que?

HELENA.

Que deseja vêl-a só.

CAROLINA.

Como?

HELENA.

Escute. Ás nove horas elle passará por aqui, e lhe fallará por entre a rotula.

CAROLINA.

Para que?

HELENA.

Está apaixonado loucamente por você; quer fallar-lhe; e não ha senão este meio.

CAROLINA.

Podia ter vindo hoje com a senhora, como costuma. Era melhor!

HELENA.

O amor não se contenta com esses olhares a furto, e esses apertos de mão ás escondidas.

CAROLINA.

Mas eu tenho medo. Meu pai póde descobrir; se elle soubesse!...

HELENA.

Qual! É um instante! O Ribeiro bate tres pancadas na rotula; é o signal.

CAROLINA.

Não! não! Diga a elle...

HELENA.

Não digo nada; não me acredita, e vem. Se não fallar lhe, nunca mais voltará;

CAROLINA.

Então deixará de amar-me?

HELENA.

E de quem será a culpa?

CAROLINA.

Mas exige uma cousa impossivel.

HELENA.

Não ha impossiveis para o amor. Pense bem; lembre-se que elle tem uma paixão...

CAROLINA.

Ahi vem mãizinha!

SCENA VIII

AS MESMAS, MARGARIDA e ARAUJO.

MARGARIDA.

Não achei, Carolina; procurei tudo.

HELENA.

Está bom; já não é preciso. Mando fazer isto em casa pela minha preta.

ARAUJO, entrando pelo fundo com um collarinlio postiço na mão.

A senhora me aprompta este collarinlio?

MARGARIDA.

A esta hora, Sr. Araujo?

ARAUJO.

Que quer que lhe faça? Um caixeiro só tem de seu as noites. Agora mesmo chego do armarinho, e ainda foi preciso que o amo désse licença.

MARGARIDA.

Pois deixe ficar, que amanhã cedo está prompto.

ARAUJO.

Amanhã?... E com que hei de ir hoje ao baile da Vestal?

CAROLINA.

Ah! o senhor vai ao baile?

ARAUJO.

Então pensa que por ser caixeiro não frequento a alta sociedade? Cá está o convite...Mas o collarinho?... Ande, Sra. Margarida!

MARGARIDA.

Lavar e engommar hoje mesmo !

ARAUJO.

Para as oito horas. Não quero perder nem uma quadrilha. As valsas pouco me importão...

MARGARIDA.

O senhor dá-me sempre cada massada!

ARAUJO.

Deixe estar que um dia d'estes trago-lhe uma caixinha de agulhas.

MARGARIDA.

Veremos.

SCENA IX

ARAUJO, HELENA e CAROLINA.

Carolina na janella.

HELENA.

Como está, Sr. Araujo?

ARAUJO.

A senhora por aqui! É novidade.

HELENA

Tambem o senhor.

ARAUJO.

Eu sou vizinho; e a Sra. Margarida é minha engommadeira.

HELENA.

Pois eu moro muito longe; porém mandei fazer uns vestidos por esta menina.

ARAUJO.

Então já não gosta das modistas francezas?

HELENA.

Cosem muito mal.

ARAUJO.

E dão cada tesourada!... Como os alfaiates da rua do Ouvidor... Mas assim mesmo a senhora largar-se do Cattete á rua Formosa em busca de uma costureira!...

HELENA.

Que tem isso ?

ARAUJO.

Veio de carro? Está um na porta.

HELENA.

E o meu.

ARAUJO.

Ahnn!... Trata-se agora!

HELENA.

Sempre fui assim.

ARAUJO.

E quando o amo lhe penhorou os trastes por causa d'aquella continha?

HELENA.

Não me lembro.

ARAUJO.

Ah ! Não se lembra! Pois olhe! Estou agora me lembrando de uma cousa.

HELENA.

De que?

ARAUJO.

Lá no armarinho quando as fazendas ficão mofadas, sabe o que se faz ?

HELENA.

Ora, que me importa isto?

ARAUJO.

Separão-se das outras, para que não passe o môfo.

HELENA.

Que quer o senhor dizer?

ARAUJO.

Quero dizer que as mulheres às vezes são como as fazendas; e que tudo n'este mundo ê negocio, como diz o amo.

HELENA.

Está engraçado!

SCENA X

OS MESMOS e MARGARID.

ARAUJO.

Acha isso?

HELENA.

Deixe-me! Adeos, menina!

CAROLINA.

Já vai?

ARAUJO.

O maldito collarinho está prompto?

MARGARIDA.

Está quasi.

HELENA.

Mande deitar estes vestidos no carro..

MARGARIDA.

Sim, senhora.

HELENA, a Carolina.

Adeos. (Baixo.) Veja lá! Oito horas já derão.

CAROLINA.

Sim

HELENA., aho.

Adeos! (A Arau jo.) Boa noite!

ARAUJO.

Viva!

HELENA.

Não fique mal comigo.

ARAUJO.

Ha muito tempo que conhece esta mulher, D. Carolina?

CAROLINA.

Ha um mez.

ARAUJO.

Quem a trouxe cá?

CAROLINA.

Ninguem : ella precisa de uma costureira.,.

ARAUJO, a Margarida.

Olhe que são mais de oito horas.

MARGARIDA.

Arre!... Que pressa!

ARAUJO.

Não se demore! Eu volto já ; vou fazer a barba.

SCENA XI

LUIZ, ARAUJO e CAROLINA. ,

Não sahe; quero te dar uma palavra.

ARAUJO.

Depressa, que tenho hoje um baile.

LUIZ.

Espera um momento. (Olhando para Carolina.) Sempre na janella.

ARAUJO.

Desconfias de alguma cousa?

LUIZ.

Carolina!

CAROLINA.

Ah!... Luiz!

LUIZ.

Assustei-a, minha prima?

CAROLINA.

Não!... Estava distrahida.

LUIZ.

Desculpe, procurei este momento para fallar-lhe porque desejava pedir-lhe perdão.

CAROLINA.

Perdão?... De que?

LUIZ.

Não recusei a sua mão que seu pai me queria dar? Não a offendi com essa recusa? Uma mulher deve ter sempre o direito de desprezar; o seu orgulho não admitte que ninguem a prive d'esse direito.

CAROLINA.

Não me offendi com a sua franqueza, Luiz. (Com ironio.) Reconheci apenas que não era digna de pettencer-lhe : outra merece o seu amor!

LUIZ.

Esse amor que eu confessei era uma mentira.

CAROLINA.

Porque confessou então? Quem o obrigou?

LUIZ.

Ninguem. Menti por sua causa; para poupar-lhe um desgosto.

CAROLINA.

Não o entendo.

LUIZ.

Conhece o caracter de seu pai e sabe que quando elle quer as cousas não ha vontade que lhe resista. Para tornar de uma vez impossivel esse casamento, para que o meu nome não lhe causasse mais tristeza ouvindo-o associado ao titulo de seu marido, declarei que amava outra mulher : menti.

CAROLINA.

E que mal havia n'isso? Todos não temos um coração?

LUIZ.

É verdade : porém o meu creio que não foi feito para o amor, e sim para a amizade. As minhas unicas affeições estão concentradas n'esta casa; fóra d'ella trabalho; aqui sinto-me viver. Um amor estranho seria como a usurpação dos sentimentos que pertencem aos meus parentes. É por isso que só a sua felicidade me obrigaria a confessar-me ingrato.

CAROLINA.

Não sei em que isso podia influir sobre a minha felicidade.

LUIZ.

Quando se ama...

CAROLINA.

Mas eu não amo.

LUIZ.

Seja franca!

CAROLINA,

Juro...

LUIZ.

Não jure!

CAROLINA.

Onde vai?

LUIZ.

Ouvi bater na janella.

CAROLINA.

Não!... Foi engano!

LUIZ.

Vou ver.

CAROLINA.

Meu primo !...

ARAUJO, baixo a Luiz.

Um sujeito está espiando pela rotula.

CAROLINA, na rotula, baixo o para fóra.

Espere!

ARAUJO, a Luiz.

Sabes quem é?

SCENA XII

OS MESMOS e MARGARIDA.

LUIZ.

Sei, ella o ama.

ARAUJO,

E tu consentes?

LUIZ.

Que posso fazer? Se o offendesse ella me odiaria. Antes a indifferença.

CAROLINA.

Não era ninguem... O vento.

LUIZ, a Araujo.

Mente !

MARGARIDA.

Aqui tem; foi enxuto a ferro.

ARAUJO.

A senhora é a perola das engommadeiras. Vou-me vestir; anda, Luiz.

MARGARIDA, a Luiz.

Estás hoje de folga?

LUIZ.

Não ; volto á typographia.

MARGARIDA.

Então quando sahires cerra a porta.

LUIZ.

Sim. Até amanhã, minha prima.

CAROLINA.

Adeos.

MARGARIDA.

Tu não vens, Carolina?

CAROLINA.

Já vou, mãizinha; deixe-me tirar os meus grampos.

SCENA XIII

CAROLINA e RIBEIRO.

Luiz sahindo fecha a poria do fundo. Carolina licando só apaga a vela. Ribeiro salta na sala.

CAROLINA.

Meu Deos!...

RIBEIRO.

Carolina... Onde estás?... Não me queres fallar ?

CAROLINA.

Cale-se; podem ouvir.

RIBEIRO.

Por isso mesmo; não esperdicemos estes curtos momentos que estamos sós.

CAROLINA.

Tenho medo.

RIBEIRO.

De que?... De mim?

CAROLINA.

Não sei!

RIBEIRO.

Tu não me amas, Carolina! Senão havias de ter confiança em mim : havias de sentir-te feliz como eu.

CAROLINA.

E o meu silencio aqui não diz tudo? Não engano meu pai para fallar-lhe ?

RIBEIRO.

Tu não sabes! 0 coração duvida sempre da ventura. Dize que me amas. Dize, sim?

CAROLINA.

Para que?

RIBEIRO.

Eu te supplico!

CAROLINA.

Já não lhe confessei tantas vezes que lhe...

RIBEIRO.

Assim não quero. Ha de ser : eu te...

CAROLINA.

Eu te... amo. Está contente?

RIBEIRO.

Obrigado.

CAROLINA.

Agora adeos. Até amanhã.

RIBEIRO.

Separarmo-nos! Depois de estar uma vez perto de ti, de saber que tu me amas ? Não, Carolina.

CAROLINA.

Mas é preciso.

RIBEIRO.

Tu és minha! Vamos viver juntos.

CAROLINA.

Sempre?

RIBEIRO.

Sempre! sempre juntos!

CAROLINA.

Como?

RIBEIRO.

Vem comigo; o meu carro nos espera.

CAROLINA.

Fugir!

RIBEIRO.

Fugir, não; acompanhar aquelle que te adora.

CAROLINA.

É impossivel!

RIBEIRO.

Vem, Carolina.

CAROLINA.

Não! Não ! Deixe-me ! (Pausa.)

RIBEIRO.

Ah! É esta a prova do amor que me tem!.. Adeos! Esqueça-se de mim ! Nunca mais nos tornaremos a ver.

CAROLINA.

Mas abandonar minha mãi!... Não posso !

RIBEIRO.

Eu acharei o atras que me amem bastante para me fazerem esse pequeno sacrificio.

CAROLINA.

Outras que não terão sua familia.

RIBEIRO.

Mas que terão um coração.

CAROLINA.

E eu não o tenho!

RIBEIRO.

Não parece :

CAROLINA.

Antes não o tivesse.

RIBEIRO.

Adeos.

CAROLINA.

Até amanhã. Sim?

RIBEIRO.

Para sempre.

CAROLINA.

Amanhã... Talvez.

RIBEIRO.

Deve ser hoje, ou nunca.

CAROLINA.

E minha mãi ?

RIBEIRO.

É uma separação de alguns dias.

CAROLINA.

Mas ella me perdoará?

RIBEIRO.

Vendo sua filha feliz...

CAROLINA.

Que dirão minhas amigas?

RIBEIRO.

Terão inveja de ti.

CAROLINA.

Porque?

RIBEIRO.

Porque serás a mais bella moça do Rio de Janeiro.

CAROLINA.

Eu?

RIBEIRO.

Sim ! Tu não nasceste para viver escondida n'esla casa, espiando pelas frestas da rotula, e cosendo para a Cruz. Estas mãos não forão feitas para o trabalho, mas para serem beijadas como as mãos de uma rainha. (Beija-lhe as mãos.) Estes cabellos não devem ser presos por laços de fitas, mas por flôres de diamantes. (Tira os laços de fita e Joga-os fóra.) Só a cambraia e a seda podem roçar sem offender-te essa pelle assetinada.

CAROLINA.

Mas eu sou pobre!

RIBEIRO.

Tu és bonita, e Deos creou as mulheres bellas para brilharem com as estrellas. Terás tudo isto, diamantes, joias, sedas, rendas, luxo e riqueza. Eu te prometto !... Quando appareceres no theatro, deslumbrante e fascinadora, verás todos os homens se curvarem a teus pés; um

murmurio de admiração te acompanhará; e tu altiva e orgulhosa me dirás em um olhar : « Sou tua. »

CAROLINA.

Tua noiva?

RIBEIRO.

Tudo, minha noiva, minha amante. Depois iremos esconder a nossa felicidade e o nosso amor n'um retiro delicioso. Oh ! se soubesses como a vida é doce no meio do luxo, em companhia de alguns amigos, junto d'aquelles que se ama, e á roda de uma mesa carregada de luzes e de flôres!... O vinho espuma nos copos e o sangue ferve nas veias; os olhares queimão como fogo; os labios que se tocão esgotão avidos o calice de champagne como se fossem beijos em gottas que cahissem de outros labios. . Tudo fascina ; tudo embriaga ; esquece-se o mundo e suas miserias. Por fim as luzes empallidecem, as cabeças se reclinão; e a alma, a vida, tudo se resume em um sonho!

CAROLINA.

Mas o sonho passa...

RIBEIRO.

Para voltar no dia seguinte, no outro, e sempre.

CAROLINA.

Eu tambem tenho meus sonhos; mas não acredito n'elles.

RIBEIRO.

E que sonhas tu, minha Carolina?

CAROLINA.

Vais zombar de mim!

RIBEIRO.

Não ; conta-me.

CAROLINA.

Sonho com o mundo que eu não conheço! Com esses prazeres que nunca senti. Como deve ser bonito um baile! Como ha de ser feliz a mulher que todos olhão, que todos admirão ! Mas isto não é para mim!

RIBEIRO.

Tu verás!... Vem! A felicidade nos chama.

CAROLINA.

Espera!

RIBEIRO.

Que queres fazer?

CAROLINA.

Rezar! Pedir perdão a Deos!

RIBEIRO.

Pedir perdão de que? O amor não é um crime!

CAROLINA.

Meu Deos!.,. E minha mãi!

RIBEIRO.

Vem, Carolina !

SCENA XIV

OS MESMOS e LUIZ.

CAROLINA.

Ah!

RIBEIRO.

Quem é este homem?

CAROLINA.

Meu primo!...

LUIZ.

Não pense que é um rival que vem disputar-lhe sua amante. Não, senhor ! Ha pouco recusei a mão da minha prima que seu pai me offerecia; não a amo. Mas sou seu parente e devo amparal-a no momento em que vai perder se para sempre.

RIBEIRO.

Não tenho medo de palavras; se quer um escandalo...

LUIZ.

Está enganado! Se quizesse um escandalo e tambem uma vingança bastava-me uma palavra; bastava chamar seu pai. Mas eu sei que não é a força que dobra o cora-

cão ; e temo que minha prima odeie algum dia em mim o homem que ella julgará autor de sua desgraça.

RIBEIRO.

O que deseja então?

LUIZ.

Desejo tentar uma ultima prova. O senhor acaba de fallar a esta menina a linguagem do amor e da seducção; eu vou fallar-lhe a linguagem da amizade e da razão. Depois de ouvir-me, ella é livre; e eu juro que não me opporei á sua vontade.

RIBEIRO.

Ella ama-me! Era por sua vontade que me seguia!

LUIZ.

Ella ama-o, sim ; mas ignora que este amor é a perdição ; que ella vai sacrificar a um prazer ephemero a innocencia e felicidade. Não sabe que um dia a sua propria consciencia será a primeira a desprezal-a, e a envergonhar-se d'ella.

CAROLINA.

Luiz !

RIBEIRO.

Não acredites.

LUIZ.

Acredite-me, Carolina. Fallo-lhe como um irmão. Esses brilhantes, esse luxo, que ha pouco o senhor lhe pro-

mettia, se agora brilhão a seus olhos, mais tarde lhe queimaráõ o seio, quando conhecer que são o preço da honra vendida !

CAROLINA.

Por piedade! Cale-se, meu primo !

LUIZ.

Depois a belleza passará, porque a belleza passa depressa no meio das vigilias; então ficará só, sem amigos, sem amor, sem illusões, sem esperanças : não terá para acompanhal-a senão o remorso do passado.

RIBEIRO.

Tu sabes que eu te amo, Carolina.

LUIZ.

Eu tambem... a estimo, minha prima.

RIBEIRO.

Vem ! Seremos felizes !

CAROLINA.

Não!... Não posso !

RIBEIRO.

Porque? Ha pouco não dizias que eras minha?

CAROLINA.

Sim...

RIBEIRO.

A uma palavra d'este homem, esqueces tudo?

CAROLINA.

Não esqueço, mas...

RIBEIRO.

Sei a causa. Se elle não chegasse, eu era o preferido; mas entre os dous escolhe aquelle que talvez já tem direito sobre sua pessoa.

CAROLINA.

Direito sobre mim?

LUIZ.

Já lhe disse que não amava esta moça.

RIBEIRO.

Negar em taes casos é um dever. Adeos, seja feliz com elle.

CAROLINA.

Com elle!... Mais eu não o amo !

RIBEIRO.

Já lhe pertence.

CAROLINA.

Luiz? Eu lhe supplico! Diga que é uma falsidade!

LUIZ.

Eu o juro !

RIBEIRO.

Não creio em juramentos!

CAROLINA.

Oh! não!

MARGARIDA, dentro.

Carolina !

CAROLINA.

Minha mãi!

LUIZ.

Margarida!

CAROLINA.

Ah! Estou perdida!

Desfallece nos braços de Ribeiro.

LUIZ.

Silencio !

Vai fechar a porta. Ribeiro aproveita-se d'esse momento e sahe levando Carolina nos braços.

SCENA XV

LUIZ e MARGARIDA.

LUIZ.

Ah!...

Corre á janella; ouve-se partir um carro; volta com desespero; vê os laços de fita, apanha-os e beija.

MARGARIDA.

Carolina !... Que é isto, Luiz?

LUIZ, mostrando as fitas.

São as azas de um anjo, Margarida; elle perdeu-as, perdendo a innocencia..

MARGARIDA.

Minha filha!

FIM DO PROLOGO.

ACTO PRIMEIRO

Salão de um hotel. Pequenas mesas á direita e á esquerda; no centro uma preparada para quatro pessoas.

SCENA PRIMEIRA

PINHEIRO, HELENA c JOSÉ.

HELENA.

Ainda não chegarão.

PINHEIRO.

Não ha tempo. José, prevenirás o Ribeiro, logo que elle chegue, de que estamos aqui.

JOSÉ.

Sim, senhor.

HELENA.

O champagne já está gelado?

JOSÉ.

Já deve estar. Que outros vinhos ha de querer, Sr. Pinheiro ?

PINHEIRO.

Os melhores.

HELENA.

Eu cá não bebo senão champagne.

PINHEIRO.

Por espirito de imitação. Ouvio dizer que era o vinho predilecto das grandes *lorettes* de Paris.

HELENA.

Não gosto de Francezes.

PINHEIRO.

Pois eu gosto bem das Francezas,

HELENA.

Faz bem Nós é que temos a culpa ! Se fossemos como algumas que a ninguem têm amor !...

PINHEIRO.

Qual! Santo de casa não faz milagres.

JOSÉ.

Já vio uma dansarina que chegou pelo paquete ?

PINHEIRO.

A que está no hotel da Europa?

JOSÉ.

Não ; está aqui, no numero 8.

HELENA.

Alguem lhe pedio noticias d'ella?

JOSÉ, rindo.

O Sr. Pinheiro gosta de andar ao facto d'essas cousas.

SCENA II

PINHEIRO e HELENA.

HELENA.

Como esteve massante o theatro hoje!

PINHEIRO.

Como sempre.

HELENA.

Não sei que graça achão esses sujeitinhos na Stoltz! Não tem nada de bonita!

P1NHEIRO.

É prima-dona!

HELENA.

Sabes quem deitou muito o oculo para mim? O Araujo.

PINHEIRO.

Ah! Estará apaixonado por ti?

HELENA.

E porque não ! Outros melhores que elle têm-se apaixonado !

PINHEIRO.

Isso é verdade!

HELENA.

Ah! já confessa!.... Mas dizem que o Araujo agora está bem?

PINHEIRO.

É guarda-livros de uma casa ingleza.

HELENA.

Foi feliz; eu conheci-o caixeiro de armarinho.

PINHEIRO.

Escuta, Helena; tenho uma cousa a dizer-te.

HELENA.

O que?... Temos arrufos?...

PINHEIRO.

Estou apaixonado pela Carolina.

HELENA.

Já me disseste.

PINHEIRO.

Julgaste que era uma brincadeira! Mas é muito serio.

Estou disposto a tudo para conseguir que ella me ame

HELENA.

Por isso é que já não fazes caso de mim ?

PINHEIRO.

Ao contrario : é de ti que eu mais espero.

HELENA.

De mim?

PINHEIRO.

Não me recusarás isto!

HELENA.

Ah! Julgas que a minha paciencia chega a este ponto ?

PINHEIRO.

Foste tu que protegeste o Ribeiro.

HELENA.

Sim; mas o Ribeiro não era meu amante, como o senhor !

PINHEIRO.

Ora, deixa-te d'isso! Queres fazer de ciumenta ! Que lembrança !...

HELENA.

Não julgue os outros por si.

PINHEIRO.

Olha! A Carolina posta de mim, e...

HELENA.

E mais cedo ou mais tarde devo ceder-lhe o meu lagar?

PINHEIRO.

Desde que nada perdes.,.

HELENA.

E o que te parece.

PINHEIRO.

Eu continuarei a ser o mesmo para ti.

HELENA.

Cuidas que não tenho coração?

PINHEIRO.

Se eu não soubesse como tu és boa e condescendente, não te pedia este favor.

HELENA.

Está feito ! Tu sempre me havias de deixar !. . Antes assim!

PINHEIRO.

Obrigado, Helena.

HELENA.

Que queres que eu faça?

PINHEIRO.

Eu te digo. Dei esta cêa ao Ribeiro unicamente para ver se consigo fallar a Carolina.

HELENA.

Ah ! nunca lhe fallaste?

PINHEIRO.

Nunca : o Ribeiro não a deixa !

HELENA.

É verdade; ha dous annos que a tirou de casa e ainda gosta d'ella como no primeiro dia.

PINHEIRO

Posso contar comtigo ?

HELENA.

Já te prometti. Mas, vês esta pulseira ? Foi o presente que me fez o Ribeiro. É de brilhantes !...

PINHEIRO.

Eu te darei um adereço completo.

HELENA.

Não paga o sacrifício que eu te faço!... Esses homens pensão!... Se elles dizem que a gente é de marmore !

PINHEIRO.

Fallarás hoje mesmo a ella.

HELENA:

Fallo... Fallo!

PINHEIRO.

Vê se consegues que deixe o Ribeiro.

HELENA.

Fica descansado. Eu sei o que hei de fazer ! Agora vai contar isto aos teus amigos para que elles zombem de mim.

SCENA III

OS MESMOS, JOSÉ, RIBEIRO e CAROLINA.

JOSÉ.

Ahi está o Sr. Ribeiro com uma senhora. Posso servir?

PINHEIRO.

Pódes.

HELENA.

Ainda não. Espere um momento.

PINHEIRO.

Para que?

HELENA.

Já te esqueceste?... Deve ser antes.

PINHEIRO.

Ah! Sim!

RIBEIRO.

Chegárão muito cedo.

HELENA.

Sahíamos antes de acabar o espectaculo.

RIBEIRO.

Não reparei. Quanto mais depressa cearmos, melhor.

PINHEIRO.

A *Favorita* fez-te fome ?

RIBEIRO.

Alguma ; mas além d'isso preciso recolher-me cedo.

CAROLINA.

Pois eu previno-te que emquanto houver uma luz sobre a mesa e uma gotta de vinho nos copos, não saio d'aqui. Tenho tantas vezes sonhado uma noite como esta, tenho esperado tanto por estas horas de prazer, que pretendo gozal-as até o ultimo momento. Quero ver se a realidade corresponde á imaginação.

RIBEIRO.

Está bem, Carolina; pódes ficar o tempo que quizeres. Não te zangues por isso.

CAROLINA.

Oh ! Não me zango! Já estou habituada á vida triste a que me condemnaste. Mas hoje...

HELENA.

Então não vives satisfeita?...

CAROLINA.

Não vivo, não, Helena ; sabes que me promettêrão uma

existencia brilhante, e me fizerão entrever a felicidade que eu sonhava no meio do luxo, das festas e da riqueza! A illusão se desvaneceu bem depressa.

RIBEIRO.

Tu me offendes com isto, Carolina.

CAROLINA.

Cuidas que foi para me esconder dentro de uma casa, para olhar de longe o mundo sem poder gozal-o, que abandonei meus pais? Que sou eu hoje?... Não tenho nem as minhas esperanças de moça, que já murchárão, nem a liberdade que sonhei.

RIBEIRO.

Mas, Carolina, tu bem sabes que se eu te guardo para mim sómente, se tenho ciume do mundo, é porque te amo; sou avaro, confesso; sou avaro de um thesouro,

CAROLINA.

Não entendo esses amores occultos, que têm vergonha de se mostrarem; isto é bom para os velhos e os hypocritas Amar é gozar da existencia a dous, partilhar seus prazeres e sua felicidade. Que prazeres temos nós que vivemos aborrecidos um do outro? Que felicidade sentimos para darmo-nos mutuamente ?

RIBEIRO

Estás hoje de máo humor.

CAROLINA.

Ao contrario, estou contente ! A vista d estas luzes, d'estas flôres, d'esta mesa, d'estes preparativos de cêa, me alegrou! É assim que eu comprehendo o amor e a vida. Na companhia de alguns amigos, vendo o vinho espumar nos copos e sentindo o sangue ferver nas veias. Os olhares queimão como fogo; os seios palpitão, a alma bebe o prazer por todos os póros: pelos olhos, pelos sorrisos, nos perfumes, e nas palavras que se trocão !

HELENA.

Bravo ! Como estás romantica !

CAROLINA.

Oh! Tu não fazes idéa! Meu espirito tem revoado tantas vezes em torno d'essa esperança, que vendo-a prestes a realisar-se, quasi enlouqueço. Outr'ora dei por ella a minha innocencia : hoje daria a minha vida inteira!

Ribeiro e Pinheiro conversão á parte.

HELENA.

Pois olha! Tens o que desejas bem perto de ti.

CAROLINA.

Não te entendo.

HELENA.

Deixa-te ficar e verás.

CAROLINA.

Mas escuta!

HELENA.

Depois; não percas tempo.

CAROLINA.

Já perdi dous annos!

RIBEIRO.

Foste injusta comigo, Carolina. Não acreditas que eu te amo, ou já não me amas talvez! Confessa!

CAROLINA.

Não sei.

RIBEIRO.

Dize francamente.

CAROLINA.

Como está quente a noite! Abre aquella janella.

Ribeiro vai abrir a janella do fundo; Helena, que fallava baixo a Pinheiro, dirige-se a elle, o ambos conversão recostados á grade e voltados para a rua.

SCENA IV

CAROLINA e PINHEIRO.

PINHEIRO.

Eu lhe agradeço, Carolina.

CAROLINA.

O que, Sr. Pinheiro?

PINHEIRO.

A satisfação que me causárão suas palavras. Não pensava, dando esta cêa, que ia realisar um desejo seu.

CAROLINA.

Ah! é verdade! Mas sou eu então que lhe devo agradecer.

PINHEIRO.

Faça antes outra cousa.

CAROLINA.

O que?

PINHEIRO.

Faça que o acaso se torne uma realidade; que esta noite de .esperança se transforme em annos de felicidade! Aceite o meu amor !

CAROLINA.

Para fazer o que d' elle ?

PINHEIRO.

O que quizer : comtanto que me ame um pouco. Sim?

CAROLINA.

Não.

PINHEIRO.

Porque ?

CAROLINA.

Amor por amor, jà tenho um; e este ao menos é o primeiro.

PINHEIRO.

O meu será o segundo e eu procurarei tornal-o tão bello, tão ardente, que não tenha inveja do primeiro.

CAROLINA.

Já me illudirão uma vez essas promessas, quando eu ainda via o mundo com os olhos de menina, hoje não creio mais n'ellas,

PINHEIRO.

Não tem razão.

CAROLINA.

Oh! se tenho! O senhor diz agora que me ama por mim, para fazer-me feliz, para satisfazer os meus desejos, os meus caprichos, as minhas fantasias. Se eu acreditasse n'essas bellas palavras, sabe o que aconteceria?

PINHEIRO.

Me daria a ventura!

CAROLINA.

Sim, mas ficaria o que sou. No momento em que lhe pertencesse, tornar-me-hia um traste, um objecto de luxo; em vez de viver para mim, seria eu que viveria para obedecer ás suas vontades. Não ; no dia em que a escrava deixar o seu primeiro senhor, será para rehaver a liberdade perdida.

PINHEIRO.

Não é livre então ? Não póde amar aquelle que preferir ?

CAROLINA.

Para uma mulher ser livre é necessario que ella despreze bastante a sociedade para não se importar com as suas leis; ou que a sociedade a despreze tanto que não faça caso de suas acções. Eu não posso ainda repellir essa sociedade em cujo seio vive minha familia; ha alguns corações que soffrerião com a vergonha da minha existencia e com a triste celebridade do meu nome. É preciso soffrer até o dia em que me sinta com bastante coragem para quebrar esses ultimos laços que me prendem. N'esse dia se houver um homem que me ame e me offereça a sua vida, eu a aceitarei; porém como senhora.

PINHEIRO.

E porque este dia não será hoje? Diga uma palavra! uma só...

CAROLINA.

Hoje?... Não!... Talvez amanhã.

PINHEIRO.

Prometle?...

CAROLINA.

Não prometto nada. Vamos cêar. Anda, Helena! Ribeiro !...Deixem-se de conversar agora.

PINHEIRO.

José, serve-nos.

SCENA V

OS MESMOS, RIBEIRO, HELENA e MENEZES.

RIBEIRO.

É mais de meia-noite.

HELENA.

Um dia não são dias, Sr. Ribeiro; amanhã dorme-se até ás duas horas da tarde.

CAROLINA.

Justamente as horas que eu passo mais aborrecida.

HELENA.

Tu me pareces outra. Achaste o que procuravas?

CAROLINA.

Ainda não.

HELENA.

És difficil de contentar.

PINHEIRO.

Adeos, Menezes ; queres cêar comnosco?

MENEZES.

Muito obrigado.

PINHEIRO.

Não faças ceremonia.

MENEZES.

Tu é que estás usando de etiquetas. Onde viste convidar um quinto parceiro para jogar uma partida de voltarete?

RIBEIRO.

Ah! É por isso que não aceitas?

MENEZES.

De certo ! N'esta especie de cêas a regra é nem menos de dous, nem mais de quatro; um quinto transtorna a conta, a menos que não seja um zero. Ora eu não gosto de ser nem importuno, nem... Vieirinha!...

PINHEIRO.

Deixa-te d'isso ; vem cêar.

MENEZES.

É escusado insistires.

RIBEIRO.

Pois não sabes o que perdes.

MENEZES.

Não; mas sei quanto ganho.

SCENA VI

OS MESMOS, LUIZ, ARAUJO e JOSÉ.

PINHEIRO.

Podemos ir-nos sentando.

ARAUJO.

Tu não és capaz de adivinhar quem eu vi esta noite no theatro.

LUIZ.

Alguma tua apaixonada.

ARAUJO.

Não tenho... Uma pessoa que te fez bastante mal...

LUIZ.

Quem?

ARAUJO.

Lembras-te d'aquella mulher que mandava fazer costuras... (Vendo Carolina aperta o braço de Luiz.) Oh!

LUIZ.

Ella !...

ARAUJO.

Não faças estaladas. Finge que não a vês; é o melhor.

LUIZ.

Adeos! Não posso ficar aqui.

ARAUJO.

Deixa-te d'isso, Luiz. Nada de fraquezas !

LUIZ.

Mas a sua presença é uma tortura.

ARAUJO.

Come alguma cousa : é o melhor calmante para as dôres moraes. Tenho estudado a fundo a physiologia das paixões e estou convencido que o coração está no estomago, quando não está na algibeira.

MENEZES.

Araujo!

ARAUJO.

Oh! Não te tinha visto.

MENEZES.

Estiveste no theatro ?

ARAUJO.

Estive.

MENEZES.

Que tal correu a *Favorita?*

ARAUJO.

Bem; porque não foste?

MENEZES.

Tinha uma partida a que não podia faltar.

PINHEIRO.

Anda mais depressa, José !

JOSÉ.

Prompto! Uma *mayonnaise* soberba !

HELENA.

De que?

JOSÉ.

De salmão.

Durante este ultimo dialogo, Carolina tira as luvas e o mantolete, que vai deitar no sofá á direita; Luiz ergue-se. O trecho seguinte da scena é, dito a meia voz.

CAROLINA.

Luiz!

LUIZ.

Silencio!

CAROLINA.

Não me quer fallar, meu primo ?

LUIZ.

Com que direito os labios vendidos profanão o nome do homem honesto que deve a posição que tem ao seu trabalho ? Com que direito a moça perdida quer lançar a sua vergonha sobre aquelles que ella abandonou?

CAROLINA.

Não me despreze, Luiz!

LUIZ.

Não a conheço.

CAROLINA.

Tem razão ! Esqueci-me que estou só n'este mundo; que não me resta mais nem pai, nem mãi, nem parentes, nem família O senhor veio lernbrar-me ! Obrigada.

LUIZ.

Minha prima!

CAROLINA.

Sua prima morreu !

Volta-lhe as costas.

HELENA.

Vem, Carolina!

RIBEIRO.

Quem é este moço com quem conversavas?

CAROLINA.

Não sei.

RIBEIRO.

Não o conheces?

CAROLINA.

.Nunca o vi.

RIBEIRO

Mas fallavas com elle !

CAROLINA.

Pedia-me noticias de uma amiga minha que já é morta.

RIBEIRO.

Não estejas com estas idéas tristes. Anda; estão nos esperando.

ARAUJO.

José, traz-nos alguma cousa .

JOSÉ.

O que ha de ser ?

ARAUJO.

O que vier mais depressa.

MENEZES.

E a mim, quanto tempo queres fazer esperar?

JOSÉ.

O que deseja, Sr. Menezes?

MENEZES.

Desejo o que tu não tens; dize-me antes o que ha.

JOSÉ.

Quer uma costelleta de carneiro?

MENEZES.

Vá feito.

ARAUJO, a Luiz.

Sabes do que me estou lembrando ? D'aquellas noites em que cêavamos juntos na *Aguia de Prata,* ha dous annos, quando tu me fallavas do teu amor. N' aquelle tempo não tinhamos dinheiro, nem frequentavamos os hoteis;

Eras composilor o eu caixeiro de armarinho na rua do Hospicio.

LUIZ.

E hoje somos mais felizes? Adquirimos uma posição bonita, que muitos invejão, mas perdemos tantas esperanças que n'aquelle tempo nos sorrião!

ARAUJO.

Vais cahir no sentimentalismo. A esta hora é perigoso.

LUIZ.

Dizes bem! Ha certas occasiões em que é preciso rir para não chorar, (A José.) Uma garrafa de cerveja.

JOSÉ.

Preta ou branca?

ARAUJO.

Amarella!

SCENA VII

OS MESMOS e VIEIRINHA

VIEIRI.NHA

Oh! Só o Menezes não estaria por aqui.!

MENEZES

Sigo o leu exemplo.

VIEIRINHA.

Não quizeste ir hoje ao Lyrico?

MENEZES.

Tive que fazer.

V1EIR1NHA.

Pois esteve bom; havia muita moça bonita. A Elisa lá estava.

MENEZES.

Entao já se sabe... Tiveste serviço ?

VIE1RINHA.

Não lhe dei corda; occupei-me com outra pessoa... Mas esta tu não conheces.

MENEZES.

E nova ?

VIEIRINHA.

Negocio de quinze dias; porém já está adiantado.

MENEZES.

Ainda não te escreveu?

VIEIRINHA.

És curioso !

PINHEIRO.

Vieirinha !

VIEIRINHA.

Adeos, Pinheiro !... Mas como está isto florido

PINHEIRO.

Vem cêar comnosco.

V1EIRINIIA.

Aceito. Como estás, Ribeiro?

RIBEIRO.

A' tua saude!

PINHEIRO.

E dos teus novos amores.

VIEIRINHA.

Quaes?

MENEZES.

São tantos, que não se lembra!

ARAUJO.

Quem é este conquistador?

MENEZES.

Nunca o viste?

ARAUJO.

Não.

MENEZES

Admira! É um d'esses sujeitos que vivem na firme convicção de que tod'as as mulheres o adorão; isto o consola do pouco caso ue d'elle fazem os homens.

ARAUJO.

Então é um fatuo?

MENEZES.

Pois não ! É um homem feliz; vai a um theatro e a um baile; acha bonita uma mulher, solteira, viuva, ou casada; persuade-se que ella o ama; e no dia seguinte com a maior boa fé revela esse segredo a alguns amigos bastante discretos para só contarem aos seus conhecidos.

ARAUJO.

E é n'isso que se occupão?

MENEZES.

Achas que é pouco!

VIEIRINHA.

Uma saude! Mas ha de ser de virar.

HELENA.

A quem?

VIEIRINHA.

A' mulher que comprehende o amor.

CAROLINA.

Pois eu bebo á mulher que comprehende o prazer.

PINHEIRO.

Bravo! Muito bem!

HELENA.

Não bebe, Sr: Ribeiro?

RIBEIRO.

Eu bebo á primeira saude.

HELENA.

E eu á segunda.

VIEIRINHA.

E eu a ambas.

PINHEIRO.

José, pede permissão a estes senhores para offerecer-lhes um copo de champagne. Espero que me facão o obsequio de acompanhar a nossa saude. Vamos, Menezes!

MENEZES.

Qual é a saude?

CAROLINA.

A' mulher que ama o prazer.

MENEZES.

Vá lá!

PINHEIRO.

Os senhores não bebem?

ARAUJO.

Eu agradeço.

PINHEIRO.

E o Sr. Vianna?

LUIZ.

Eu proponho outra saude : « Ao prazer e áquelles que Para gozal-o sacrificão tudo! »

PINHEIRO.

E a melhor!

LUIZ.

E a mais verdadeira. Se os senhores me permittem, eu lhes contarei uma pequena historia que os ha de divertir.

VIEIRINHA.

Com muito gosto.

MENEZES.

Venha a historia.

LUIZ.

O senhor póde aproveital-a para um dos seus folhetins quando lhe falte materia.

MENEZES.

Fica ao meu cuidado.

VIEIRINHA.

Mas não a appliques a ti, conforme o teu costume.

MENEZES.

Se fôr uma historia de amor, está visto que has de ser tu o meu heróe.

LUIZ.

É uma historia de amor. Passou-se ha dous annos.

PINHEIRO.

Aqui na côrte?

LUIZ

Na Cidade Nova. Vivia então no seio de sua familia uma moça pobre, mas honrada. Tinha dezoito annos; era linda... como... como essa senhora que está a seu lado, Sr. Ribeiro.

RIBEIRO.

Em que rua morava?

LUIZ.

Não me lembro. Seu pai e sua mãi a adoravão; tinha um primo, pobre artista, que a amava loucamente.

CAROLINA.

A amava?...

LUIZ.

Sim, senhora. Era ella quem lhe dava a ambição; era esse amor que o animava no seu trabalho, e que o fazia adquirir uma instrucção que depois o elevou muito acima do seu humilde nascimento. Mas sua prima o desprezou, para amar um moço rico e elegante.

ARAUJO, *baixo.*

Vás trahir-te.

LUIZ.

Não importa.

PINHEIRO.

Continue, Sr. Vianna.

HELENA.

Eu acho melhor que se faça uma saude cantada.

VIEIRINHA,

Com hipes e hurrahs.

CAROLINA.

Porque?... A historia do senhor é tão bonita.

VIEIRINHA.

Lá isso não se póde negar! É um perfeito romance.

LUIZ.

Uma noite, no momento em que esse moço entrava, sua prima, seduzida por seu amante, ia deixar a casa de seus pais.

MENEZES.

Oh! Temos um lance dramatico.

LUIZ.

Não, senhor; passou-se tudo muito simplesmente. Elle disse algumas palavras severas á sua prima ; esta desprezou suas palavras como tinha desprezado o seu amor, e... partio.

VIEIRINHA.

Como! O sujeito deixou-a partir?

LUIZ..

É verdade

CAROLINA.

E a amava!

MENEZES.

Era um homem prudente.

LUIZ.

Era um homem que comprehendia o prazer.

PINHEIRO.

Não entendo.

LUIZ.

Elle amava essa moça, mas não era amado; nunca obteria d'ella o menor favor, e respeitava-a muito para pedil-o. Lembrou-se que deixando-a fugir, chegaria o dia em que com algumas notas do banco compraria a affeição que não pôde alcançar em troca da sua vida.

ARAUJO.

Como pódes mentir assim!

RIBEIRO.

Não bebas tanto champagne, Carolina. Faz-te mal!

LUIZ.

Esse homem comprehendia o mundo, não é verdade?

VIEIRINHA.

Era um grande politico.

MENEZES.

Da tua escola.

LUIZ.

Desde então elle tratou de ganhar dinheiro; precisava.

não só para satisfazer o seu capricho, como para alliviar a miseria da familia d'aquella moça, que com a sua loucura tinha lançado sua mãi em uma cama, e arrastado seu pai ao vicio da embriaguez.

CAROLINA.

Ah!...

RIBEIRO.

Que tens?

CAROLINA.

Uma dôr que costumo soffrer! Dá-me vinho.

LUIZ.

É justamente o que esse pai fazia. Sentia a dôr da perda de sua filha e queria afogal-a com o vinho.

VIEIRINHA.

Máo ! A historia começa a enternecer-me !

MENEZES.

E bem interessante!

CAROLINA.

Mas falta-lhe o fim.

MENEZES.

Ah! tem um fim.

RIBEIRO.

Carolina !

CAROLINA.

Essa moça... Os senhores desejão talvez conhecêl-a?

VIEIRINHA.

De certo.

CAR0LINA.

Sou eu !

PINHEIRO.

A senhora !

LUIZ, a Araujo.

Está perdida !

CAROLINA.

Sou eu; e espero que chegue o dia em que possa pagar o sacrifício d'esse amor tão generoso, que desprezei.

PINHEIRO.

Mas seu primo?...

CAROLINA.

Já o não é.

MENEZES.

Como se chama?

CAROLINA.

Não sei.

ARAUJO.

José, dá-me a conta!

MENEZES.

Espera, vamos juntos.

ARAUJO.

Ainda te demoras!

MENEZES.

Não.

SCENA VIII

OS MESMOS, JOSÉ e ANTONIO.

JOSÉ, na porta.

Ponha-se na rua! Não achou outro lugar para cozinhar a bebedeira?

ANTONIO, da parte de fóra.

Quero beber... Vinho... compro com o meu dinheiro. Eh! lê! Meia garrafa, senhor moço!...

JOSÉ.

Vá-se embora, já lhe disse.

MENEZES.

Que barulho é este, José?

JOSÉ.

E' um bebado! Achou a porta aberta, entrou, e agora quer por força que lhe vencia meia garrafa de vinho.

ARAUJO.

Pois mata-lhe a sêde.

JOSÉ.

Se elle já está cahindo.

ANTONIO, cantando.

Mandei fazer um balaio
Da casquinha d'um camarão!...

JOSÉ.

Nada ! Ponha-se no andar da rua.

CAROLINA.

Deixe-o entrar; talvez nos divirta um pouco. Estou triste!

JOSÉ.

Mas é capaz de quebrar-me a louça.

PINHEIRO.

Que tem isso? Eu pago o que elle quebrar.

CAROLINA.

É uma fimeza que lhe devo.

RIBEIRO.

Mas que não é necessaria ; tu pódes satisfazer os teus caprichos sem recorrer a ninguem.

ANTONIO.

Oh! temos brodio por ca tambem? Viva a alegria! Toca a musica! Ta-rá, lá-lá, ta-ri, to-ri. (Dansa.)

MENEZES.

O homem é dilettante como o Vieirinha.

VIEIRINHA.

E engraçado como um artigo teu.

ANTONIO.

Estão se rindo?... Cuidão que estou meio lá, meio cá?

MENEZES.

Não; faz tanto barulho que vê-se logo que está todo cá.

ANTONIO.

Pois olhe, apenas bebi seis garrafas.

VIEIRINHA.

Não é muito!

ANTONIO.

Não é, não. Mas faltavão os cobres, senão... Oh ! Tanto hei de beber que por fim hei de achar.

MENEZES.

Achar o que?

ANTONIO.

Não sabe? Upa!... Pois não sabe?... Eu não bebo porque goste do vinho... Já me enjôa,

MENEZES,

Porque bebe então?

ANTONIO.

Porque procurôôô... êh! lô!... Procuro no fundo da garrafa uma cousa que os velhos chamavão virtude, e que não se acha mais neste mundo.

PINHEIRO.

Eis um Diogenes!...

HELENA.

Como te chamas?

ANTONIO.

Que te importa o meu nome ?... Não tenho dinheiro !

ARAUJO, a Luiz, baixo.

Luiz! Luiz! Olha!

LUIZ.

O que?

ARAUJO.

Este homem.

LUIZ.

Antonio!...

AR AUJ O.

Cala-te!

MENEZES.

Mas então ainda não achou o que procurava?

ANTONIO.

Hein?...

MENEZES

A virtude...

ANTONIO.

Não existe. No fundo da garrafa só acho o somno. Mas é bom o somno. A gente não se lembra...

VIEIRINHA.

Das maroteiras que fez.

ANTONIO.

A gente vive n'outro mundo que não é ruim como este! Oh ! é bom o vinho!

VIEIRINHA.

Pois tome lá este copo de champagne.

ANTONIO.

Venha! (Provando.) Puah!... Não presta! E' doce como as falias de certa gente; embrulha-me o estomago! Antes a aguardente que queima!

MENEZES.

Chegue aqui; diga-me o que você procura esquecer. Soffreu alguma desgraça?

VIEIRINHA.

Queres outra historia!

ANTONIO.

Qual historia! Não soffri nada! Diverti os outros.

'MENEZES.

Mas conte isso mesmo.

ANTONIO.

Não tem que contar... O trabalhador não deve criar sua filha para os moços da moda?

MENEZES.

Então sua filha...

ANTONIO.

Roubárão e nem ao menos me derão o que ella valia! Velhacos... Os sujeilinhos hoje estão expertos!

MENEZES.

Pobre homem!

ANTONIO.

Pobre, não! (Bate no bolso.) Veja como tine ! (Rindo.) A mulher está doente, não trabalha; eu durmo todo o dia, não vou mais á loja; porém Margarida linha uma cruz de ouro com que rezava. Fui eu, e furtei agora de noite a cruz, como o outro furtou minha filha, e passei-a nos cobres. Cá está o dinheiro; chega para beber dous dias. Estou rico! Viva a alegria! Olá! senhor moço! Ande com isso!. . Meia garrafa !...

HELENA, a Carolina.

Vamos para outra sala ; não pódes ficar aqui. (Erguem-se.)

RIBEIRO, a JOSÉ.

Faz já sahir este bebado !

ARAUJO, a Luiz.

Tenho medo do que vai se passar.

ANTONIO, para Carolina.

Olé! Que peixão ! Dá cá este abraço... menina!

CAROLINA.

Meu pai !... (Esconde o rosto.)

ANTONIO.

Pai!... Ha muito tempo que não ouço esta palavra. Mas quem és tu? Deixa-me ver teu rosto. Tu pareces bonita. Serás como Carolina? Mas... não me engano... Sim... Sim... Tu és!...

CAROLINA.

Não!

ANTONIO.

Tu és minha filha!

CAROLINA.

E" falso!

ANTONIO.

Não foste tu que me fallaste ha pouco?... aqui... Não me chamaste teu pai?... Carolina !

CAROLINA.

Deixe-me!

ANTONIO.

Vem ! Tua mãi me pedio que te levasse!

CAROLINA.

Minha mãi!...

ANTONIO.

Sim, tua mãi... Margarida. Se soubesses... como ella tem chorado... Minha pobre Margarida!

CAROLINA.

Não sei quem é.

ANTONIO.

Não sabes?

CAROLINA.

Não!

ANTONIO.

Tu não sabes ?

CAROLINA

Meu Deos !

ANTONIO.

Esqueceste até o nome de tua mãi?

CAROLINA.

Esqueci tudo.

ANTONIO.

Oh! tens razão! Tu não és minha filha! Nunca foste...

Precipita-se sobre ella c a obriga a ajoelhar-se. Ribeiro e Pinheiro protegem Carolina, emqunnto Luiz segura Antonio pelo braço.

LUIZ

Antonio!

ANTONIO.

Solta-me, Luiz.

MENEZES.

Não a offenda! E' sua filha!

ANTONIO.

Não; já não é!

MENEZES.

Mas é ainda uma mulher... Deseja punil-a? Respeite essa vida que a levará de lição em lição até o ultimo o terrivel desengano. E' preciso que um dia a sua propria consciencia a accuse perante Deos, sem que possa achar defesa, nem mesmo na colera severa, mas justa de um pai.

ARAUJO.

Vamos; vamos, Luiz.

ANTONIO.

E ella... fica.

ARAUJO.

Nem lhe responde !

ANTONIO.

Pois sim, fica; se algum dia me encontrares no teu Caminho, se o teu carro atirar-me lama á cara, se os teus cavallos me pisarem, não me olhes, não me reconheças. Vê o que tu és, que um miseravel bebado, que anda cahindo pelas ruas, tem vergonha de passar por teu pai!

LUIZ.

Espera, Antonio! Talvez ainda não esteja tudo perdido! Um ultimo esforço! Abre os braços á tua filha!... Olha! Olha! Não vês que ella chora?

CAROLINA.

Forão as ullimas lagrimas... jà seccárão!... Se tivessem cabido n'este copo, eu beberia com ellas á memoria do meu passado!

FIM DO PRIMEIRO ACTO.

ACTO II

Sala em casa de Helena.

SCENA PRIMEIRA

LUIZ, ARAUJ0 e MENEZES.

MENEZE.

Podemos entrar. Nada de ceremonias.

ARAUJO.

Talvez sejamos importunos.

MENEZES.

Não tenhas receio. Sente-se, Sr. Vianna.

ARAUJO.

E o tal Vieirinha ?

MENEZES.

Que tem ? (Na porta.) Helena!

HELENA, dentro.

Já vou, Sr. Menezes.

MENEZES.

Está no *toilette* naturalmente. Esperemos um instante.

ARAUJO.

Não cuidei que se tratasse com tanto luxo! É uma bella casa.

MENEZES.

Como muitas famílias não a têm; mas assim deve ser quando os maridos roubão a suas mulheres, e os pais a seus filhos para alimentarem essas parasitas da sociedade.

LUIZ.

Diz bem; a culpa não é d'ellas.

MENEZES.

Mas, Araujo, sinceramente te confesso que ainda não comprehendi o teu empenho!

ARAUJO.

Empenho de que?

MENEZES.

De conhecer a Helena. Achas bonita?

ARAUJO;

Bonita!... Uma mulher que tem os dentes e os cabellos tia rua do Ouvidor!

MENEZES.

Entretanto entraste hoje de madrugada, quero dizer, as dez horas por minha casa; interrompeste o meu somno do domingo, o unico tranquillo que tem um jornalista; me fizeste sahir sem almoço; pagaste um carro; e tudo isto para que te viesse apresentar a essa velha sem dentes e sem cabellos!

ARAUJO.

Isto se explica por um capricho. Sou um tanto original nas minhas paixões.

MENEZES.

Então estás apaixonado pela Helena?

ARAUJO.

Infelizmente.

LUIZ.

Porque não confessas a verdadeira causa? O Sr. Menezes é teu amigo, e embora só ha pouco tempo tivesse o prazer de conhecêl-o, confio bastante no seu caracter para fallar-lhe com franqueza.

ARAUJO.

É o melhor ; assim me poupas o descredito de inventar uma paixão bem extravagante.

MENEZES.

Qual é então a verdadeira causa d'esta apresentação ?

LUIZ.

Eu lhe digo. Trata-se de salvar uma moça por quem muito me interesso; quero fallar-lhe ainda uma vez, tentar os ultimos esforços; mas na sua casa é impossivel; o Ribeiro guarda-a com um cuidado e uma vigilancia excessiva.

MENEZES.

É a Carolina?

LUIZ.

Ella mesma. Lembra-se d'aquella scena que presenciamos no hotel ha cerca de um mez?

MENEZES.

Lembro-me perfeitamente; e parece-me, pelo que vi, que os seus esforços serão inuteis.

ARAUJO.

É tambem a minha opinião. Tenho-lhe dito muitas vezes que a honra de um homem é uma cousa muito preciosa para estar sujeita ao capricho de qualquer mulher, só porque o acaso a fez sua parente.

LUIZ.

Não é por mim, Araujo, é por ella, que procuro salval-a. Reconheço que é bem difficil; mas resta-me ainda uma esperança : talvez a mãi obtenha pelo amor, aquillo que nem a voz da razão, nem o grito do dever puderão conseguir.

MENEZES.

pensa bem, Sr. Vianna.

LUIZ.

Para isso porém é preciso encontral-a só um instante ; sube que costuma vir á casa d'esta mulher que a perdeu e de quem é amiga. Araújo disse-me que o senhor a conhecia; e fomos immediatamente procural-o. Eis o verdadeiro motivo do incommodo que lhe demos; o Sr. Menezes é homem para o comprehender e apreciar.

MENEZES.

Não se enganou, Sr. Vianna; farei o que me fôr possivel.

LUIZ.

Muito obrigado.

MENEZES.

Não tem de que; é um dever de todo o homem honesta proteger e defender a virtude que vacilla e vai succumbir ou mesmo ajudal-a a rehabilitar-se. Mas devo corresponder á sua franqueza com igual franqueza. Creio que o senhor, e tu mesmo, Araujo, não conhecem bem o terreno em que pisão actualmente.

LUIZ.

Não de certo

ARAUJO.

Quanto a mim estou em paiz estrangeiro.

MENEZES.

Pois é preciso estudar o movimento e a orbita d'esses planetas errantes para acompanhal-os na sua rotação. Aqui não se conhece nem um d'esses objectos como a honra, o amor, a justiça, a religião, que fazem tanto barulho lá fora. N'este mundo á parte só ha um poder, uma lei, um sentimento, uma religião; é o dinheiro. Tudo se compra e tudo se vende ; tudo tem um preço.

LUIZ.

Que miseria, meu Deos!

MENEZES.

Quem vê de longe este mundo não comprehende o que se passa n'elle, e não sabe até onde chega a degeneração da raça humana. O oriente d'esses astros opacos é o luxo; o occaso é a miseria. Comoção vendendo a virtude ; vendem depois a sua belleza, a sua mocidade, a sua alma ; quando o vicio lhes traz a velhice prematura, não tendo já que vender, vendem o mesmo vicio e fazem-se instrumentos de corrupção. Quantas não acabão vendendo suas filhas para se alimentarem na desgraça!

ARAUJO.

Tu exageras!... Ninguem se avilta a esse ponto.

MENEZES.

Não exagero, não. Muilas são boas e capazes de um

sacrifício ; têm coração. Mas de que lhes serve esse traste no mundo em que vivem!

ARAUJO.

Para amar o homem a quem devem tudo.

MENEZES.

Elle seria o primeiro a escarnecer d'ella.

SCENA II

OS MESMOS, VIEIRINHA. o HELENA.

VIEIRINHA, cantarolanilo.

Je suis le sire do Framboisy !

Meus senhores !... Não se incommodera; estejão a gosto.

MENEZES.

Adeos. Como vais ?

VIEIRINHA.

Bem, obrigado.

MENEZES.

Que se faz de bom?

VIEIRINHA.

Nada; enche-se o tempo,

HELENA.

Bons dias, Sr. Menezes.

MENEZES.

Emfim appareceu!

HELENA.

Desculpe; se me tivesse prevenido da sua visita... Mas chega de repente e no momento era que estava me penteando.

MENEZES.

Tem razão!... Aqui lhe trouxe o Sr. Vianna e o Sr. Araujo que muito desejão conhecêl-a. São meus amigos; isto diz tudo.

HELENA.

A minha casa está ás suas ordens. Estimo muito...

MENEZES.

Se não me engano, o Sr. Vianna deseja conversar com a senhora; portanto não o faça esperar.

HELENA.

Fazer esperar é o nosso direito, Sr. Menezes.

MENEZES.

Quando se trata de amor; mas não quando se trata de um negocio.

HELENA.

Ah ! É um negocio.

LUIZ.

Sim, senhora.

HELENA.

Pois quando quizer...

VIEIRINHA.

Já almoçaste, Helena ?

HELENA.

Ha pouco; mas o almoço ainda está na mesa.

VIEIRINHA.

Com licença, meus senhores.

Luiz e Helena conversão no sofá : Menezes e Araujo recostados á janella.

SCENA III

MENEZES, ARAUJO, LUIZ e HELENA.

Araujo.

Não me dirás que figura faz esto Vieirinha no meio de tudo isto?

MENEZES.

A figura de um d'esses saguis com que as moças se divertem. N'este mundo de mulheres, Araujo, existem duas especies de homens, que eu classifico corno os animaes

de pennas. Uns são os moços ricos e os velhos viciosos que se arruinão c estragão a sua fortuna para merecerem as graças d'estas deosas pagãs : esses se depennão. Os outros são os que vivem das migalhas d'esse luxo, que comem e vestem á custa d'aquella prodigalidade ; esses se empennão.

ARAUJO.

O Vieirinha pertence a esta ultima classe.

MENEZES.

E o typo mais perfeito. Em todas estas casas encontra-se uma variedade do genero Vieirinha.

ARAUJO.

Mas por que razão supportão ellas esse animal? Será amor?...

MENEZES.

Ás vezes é ; outras é simples orgulho e vaidade. Esta gente que profana tudo, que faz do tudo, dos sentimentos os mais puros, uma mercadoria, depois de tanto vender, quer tambem ter o gosto de comprar. Umas comprão logo um marido ; outras contentão-se em comprar um amante. É mais commodo : deixa-se quando aborrece.

ARAUJO.

É o que a Helena fez com o Vieirinha?

MENEZES.

Justamente.

ARAUJO.

E sahe-lhe caro esse capricho ?

MENEZES.

Sem duvida ; mas o dinheiro como vem, assim vai. Depois ella dá por bem empregado qualquer sacrifficio. Não quer parecer velha.

ARAUJO.

Mas quando cêámos juntos, aquella noite ao sahir do theatro, me pareceu que o Pinheiro...

MENEZES.

Deixou-a ; está apaixonado pela Carolina ; e a Helena, segundo me disserão, o protege.

ARAUJO

Ah! De amante passou a confidente?

MENEZES.

E' verdade. Tu ficas?

ARAUJO.

Espero por Luiz.

MENEZES

Então adeos.

ARAUJO.

Porque não te demoras? Sahiremos juntos.

MENEZES.

Não posso; tenho que fazer. Vou almoçar e depois escrever um artigo. Até á noite.

ARAUJO.

Aonde?

MENEZES.

No theatro Lyrico. Não vais?

ARAUJO.

E' natural.

MENEZES.

Sr. Vianna ! Helena...

LUIZ.

Já vai ? Nós o acompanhamos.

MENEZES.

Depressa terminou a sua conversa !

LUIZ.

E verdade; a senhora foi tão amavel...

HELENA.

Era uma cousa tão simples!

MENEZES.

Fico bastante satisfeito; é signal de que a minha apresentação valeu um pouco.

HELENA.

O senhor sabe que ella vale sempre muito.

ARAUJO, a Luiz.

Conseguiste?

LUIZ.

Consegui tudo. O Menezes tem razão : o dinheiro

venceu todas as dificuldades. Ao meio dia Carolina está aqui.

ARAUJO.

Ao meio-dia?... São mais de onze...

LUIZ.

Toma o carro. Ella está doente, mas com a esperança de ver sua filha...

ARAUJO.

E tu onde me esperas?

LUIZ.

Eu, vou dar uma volla, e dentro de meia hora voltarei.

ARAUJO.

Até já. Menezes! (A Helena.) Viva!

LUIZ.

Vamos, Sr. Menezes.

HELENA.

Então ao meio-dia?...

LUIZ.

Aqui estarei.

SCENA IV

HELENA e VIEIRINHA.

VIEIRINHA.

Almocei bem! O Menezes já foi?

HELENA.

Sahio agora mesmo.

VIEIRNHA.

E os outros?

HELENA.

Tambem.

VIEIRINHA.

Que fazes tu hoje?

HELENA.

Nada.

VIEIRINHA.

Então não precisas de mim?

HELENA.

Que pergunta!

VIEIRINHA.

Dá-me um charato.

HELENA.

Não tenho.

VIEIRINHA.

Estás hoje muito aborrecida.

HELENA.

E tu muito massante.

VIEIRINHA.

Não duvido; passei mal a noite. (Estende-se no sofá.) Se quizeres conversar acorda-me.

HELENA.

Não se deite, não senhor.

VIEIRINHA.

Porque?

HELENA.

Não são horas de dormir.

VIERINHA.

Ora, quando se tem somno...

HELENA.

Espero Carolina. Preciso estar só com ella.

VIEIRINHA.

Ah! Isto é outro caso. Queres dizer que me ponha ao fresco.

HELENA.

Pouco mais ou menos.

VIEIRINHA.

Está feito! Vou trocar as pernas por ahi.

HELENA.

Não voltas?

VIEIRINHA.

E' boa! Deitas-ine pela porta fóra e achas que devo voltar?

HELENA.

Estás zangado?... Deixa-te d'isso ! Volta ás quatro horas.

VIEIRINHA.

Para fazer o que?

HELENA.

Iremos jantar ao hotel de Botafogo.

VIEIRINHA.

É muito longe.

HELENA.

Não faltes.

VIEIRINHA.

Se puder.

HELENA.

Conto comtigo.

VIEIRINHA.

Vai só.

HELENA.

Não tem graça!

VIEIRINHA.

Pois eu não posso ir.

HELENA.

Por que razão?

VIEIRINHA.

Porque...

HELENA.

Estás inventando a mentira?

VIEIRINHA.

Tenho acanhamento em confessar-te.

HELENA.

Começas tarde com os teus acanhamentos!

VIEIRINHA, rindo.

Deveras!... Pois não vou ao hotel de Botafogo porque não quero encontrar-me com certo sujeito.

HELENA.

Ou sujeita?...

VIEIRINHA.

Já estás com ciumes! É um rapaz que me ganhou outro dia cincoenta mil réis ao jogo, e a quem ainda não paguei.

HELENA.

Não será o primeiro.

VIEIRINHA.

Nem o ultimo. Mas esse tem uma irmã feia e rica, que

póde ser um excellente casamento. Se não lhe pago fico desacreditado na familia.

HELENA.

Bem feito! Só assim deixarás o maldito vicio do jogo.

VIEIRINHA.

Ah! Deu-te para ahi! Queres prégar-me um sermão? Basta os que ouço do velho!

Vai sahir.

HELENA.

Então, até quatro horas?

VIEIRINHA.

Não, decididamente não vou; já te disse o motivo.

HELENA.

Olha! Se tu me promettesses...

VIEIRINHA.

O que ?

HELENA.

Não jogar mais.

VIEIRINHA.

Que farias ?

HELENA.

Faria um sacrificio...

VIEIRINHA.

Sacrificio...

Faz o gesto vulgar com que se exprime dinheiro

HELENA.

Sim!

VIEIRINHA.

Prometto o que tu quizeres! Juro!

HELENA, dando-lhie uma nota.

Pois toma; vai pagar a tua divida e volta.

VIEIR1NHA.

Está dito!... Tu és uma flor, Helena.

HELENA.

Sim! Vêm a tempo os teus comprimentos; nem fazes caso de mim.

VIEIRINHA.

Não digas isto. Os unicos momentos de felicidade que tenho são os que passo junto de ti. Até á tarde!

SCENA V

HELENA e CAROLINA,

CAROLINA.

Cheguei muito cedo!

HELENA.

Não faz mal.

CAROLINA.

Sentia uma impaciencia!... Apenas o Ribeiro sahio, metti-me n'um carro... Antes que me arrependesse !

HELENA.

Assim estás resolvida ?

CAROLINA.

Inteiramente.

HELENA.

Já duas vezes disseste o mesmo, e quando chegou o momento...

CAROLINA.

Hesitei antes de dar este passo; não sei que presentimento me apertava o coração, e me dizia que eu procedia mal. Foi o primeiro homem a quem amei n'este mundo; é o pai de minha filhinha. Parecia-me que devia acompanhal-o sempre!

HELENA.

Se elle não te abandonasse mais dia, menos dia.

CAROLINA.

Não ha de ter este trabalho; hoje resolvi-me; esta existencia pesa-me. A que horas vem o Pinheiro?

HELENA.

Não póde tardar.

CAROLINA.

É muito longe d'aqui a Larangeiras?

HELENA.

Não; é um instante! Em cinco minutos pódes lá estar.

CAROLINA.

Já viste a casa ?

HELENA.

Ainda hontem. Está arranjada com um luxo!... O Pinheiro vai te tratar como uma princeza.

CAROLINA.

Comtanto que me deixe livre.

HELENA.

Elle te adora; ha de fazer todas as tuas vontades. Queres ver que lindo presente te mandou ?

CAROLINA.

Por ti ?

HELENA.

Sim; está aqui.

Tira do bolso caixas de joias.

CAROLINA.

Um collar... pulseiras... um adereço completo !

HELENA.

Não é de muito gosto?

CAROLINA.

São brilhantes?...

HELENA.

Verdadeiros... Mas, Carolina, tenho uma noticia a dar-te.

CAROLINA.

Que noticia?

HELENA.

Teu primo deseja ver-te.

CAROLINA.

Luiz!... Esteve aqui?... Que me quer elle? Ainda não está satisfeito com me ter moslrado tanto desprezo?

HELENA.

Que te importa?

CAROLINA.

Sempre que o vejo fico triste. Soffro por muitos dias.

HELENA.

Foi a principio.

CAROLINA.

Ainda hoje não posso esquecer as palavras que elle me disse ha dous annos. E são tão amargas ns suas palavras !

HELENA.

Entretanto elle te ama.

CAROLINA.

A mim?... Tu pensas...

HELENA.

Não nos disse outro dia no hotel?

CAROLINA.

Disse que amava outra Carolina, que não sou hoje.

HELENA.

Cuidas que por uma mulher preferir outro homem, aquelle que ella desprezou deixa de amal-a? Como te enganas!

CAROLINA.

Então acreditas?...

HELENA.

Agora mesmo elle aqui esteve ; e me fallou de ti com um modo...

CAROLINA.

Que te disse ?

HELENA.

Confessou que estava arrependido do que fez; que deseja ver-te para mostrar que sempre te estimou e ainda te estima.

CAROLINA.

Não é possivel, Helena. Se Luiz me estimasse não me fallava com tanto desprezo !

HELENA.

Ora Carolina, se tu amasses um homem que se casasse com outra mulher, o que farias?

CAROLINA.

Tens razão.

HELENA.

Espera.

CAROLINA.

Mas elle disse-te que me queria ver?... Voltará?

HELENA.

Creio que sim!

CAROLINA.

Meu Deos!

HELENA.

Que mal faz que tu lhe falles? Se elle te offender entra para dentro; se quizer amar-te faz o que entenderes; mas não esqueças o Pinheiro.

CAROLINA.

Sei o que devo fazer.

HELENA.

Se precisares de mim, chama-me.

CAROLINA.

Me deixas só?

HELENA,

Ao contrario, vê quem está ahi.

SCENA VI

LUIZ e CAROLINA.

CAROLINA.

Luiz!.

LUIZ.

Não me recusou fallar, Carolina. Eu lhe agradeço.

CAROLINA.

Porque recusaria?

LUIZ.

Depois do que se tem passado, não era natural que desejasse fugir á presença de um importuno?

CAROLINA.

Qual de nós, a primeira vez que nos encontramos depois de uma longa ausencia, repellio o outro?

LUIZ.

A reprehensão é justa, eu a mereço. Mas não creia que venho ainda lembrar-lhe um passado que todos devemos esquecer, e accusal-a de uma falta de que outros talvez

sejão mais culpados. Venho fallar-lhe como um irmão; quer-me ouvir?

CAROLINA.

Falle; não tenha receio.

LUIZ.

Todos nós, Carolina, homens ou mulheres, velhos ou moços, todos, sem excepção, temos faltas em nossa vida; todos estamos sujeitos a commetter um erro e a praticar uma acção má. Uns porém cegão-se ao ponto de não verem o caminho que seguem; outros arrependem-se a tempo. Para estes o mal não é senão um exemplo e uma lição; ensina a apreciar a virtude que se desprezou em um momento de desvario. Estes merecem, não só o perdão, porém muitas vezes a admiração que excita a sua coragem.

CAROLINA.

Não, Luiz; ha faltas que a sociedade não perdôa, e que o mundo não esquece nunca. A minha é uma d'estas.

LUIZ.

Está enganada, Carolina. Se uma moça, que levada pelo seu primeiro amor, ignorando o mal, esqueceu um instante os seus deveres, volta arrependida á casa paterna; se encontra no coração de sua mãi, na amizade de seu pai, nas affeições dos seus, a mesma ternura; se ella continua a sua existencia doce e tranquilla no seio da familia;

porque a sociedade não lhe perdoará, quando Deos lhe perdôa, dando-lhe a felicidade?

CAROLINA.

Nunca ella poderá ser feliz ! A sua vida será uma triste expiação.

LUIZ.

Ao contrario, será uma regeneração. Em vez da paixão criminosa que a roubou a seus pais, ella póde achar no seio da sua familia o amor calmo que purifique o passado e lhe faça esquecer a sua falta,

CAROLINA .

É verdade então, Luiz ?... Helena não me enganou!

LUIZ.

O que?... Não sei!...

CAROLINA.

Ainda me ama ?

LUIZ.

Eu?...

CAROLINA.

Não era de si que me fallava?

LUIZ.

Não, Carolina; fallava do Ribeiro.

CAROLINA..

Ah! Era d'elle!...

LUIZ.

É o unico que tem direito de amal-a !

CAROLINA.

Pois eu não o amo.

LUIZ.

Não creio.

CAROLINA.

Juro-lhe.

LUIZ.

É impossível.

CAROLINA.

Amanhã não duvidará.

LUIZ.

Amanhã?... Que vai fazer?

CAROLINA.

Ha de saber.

LUIZ.

Carolina, eu lhe peço, não dê semelhante passo ; elle é ainda mais grave do que o primeiro. Comprehendo que uma menina inexperiente sacrifique-se á affeição de um homem; mas nada justifica a mulher que renega aquelle a quem deu a sua vida.

CAROLINA.

Então não posso deixal-o !

LUIZ.

Não! Uma mulher deve sempre conservar a virgindade do coração, e guardar pura a sua primeira affeição. Respeita-se o consorcio moral de duas creaturas que se unem apezar do mundo e dos prejuizos que as separão ; respeita-se a virtude ainda quando ella não reveste as formulas de convenção. Mas despreza-se a mulher que aceita qualquer amor que lhe offerecem.

CAROLINA.

E quem lhe diz que amarei a outro?

LUIZ.

O primeiro amor é ás vezes o ultimo ; o segundo nunca o será.

CAROLINA.

Podia ser, Luiz, se o não desprezassem.

LUIZ.

Não comprehendo.

CAROL1NA.

Tambem eu não comprehendo este sentimento; mas o coração é assim feito ; deseja o que não póde obter, o que muitas vezes desdenhou quando lh'o offerecião. Admiro-me do que se passa em mim, e não sei explical-o. Parece-me ás vezes que ainda haveria um meio de ligar o fio de minha vida ás recordações dos meus dezoito annos, e

continuar no futuro a existencia tranquilla de outr'ora. Mas esse meio... é uma loucura.

LUIZ.

Diga, Carolina! Eu farei tudo...

CAROLINA.

Tudo!...

LUIZ.

Duvida?

CArtOLIKA.

Ame-me então!

LUIZ.

Escarnece de mim!

CAROLINA.

Luiz!

LUIZ.

Creia-me, Carolina. Se eu estivesse convencido da realidade d'esse amor, ainda assim, sacrificaria a minha á sua felicidade.

CAROLINA.

Está bem ! Não fallemos mais n'isso! Foi um gracejo; não faça caso... Adeos!

LUIZ.

Já me despede.

CAROLINA.

Póde ficar se quizer.

Carolina chega-se ao espelho, e enxuga furtivamente uma lagrima, Deita as joias que Helena lhe dera.

LUIZ, vendo no relogio.

Meio-dia.

CAROLINA.

Cuidei que fosse mais tarde!... Bonitas pedras! Não são?... Foi um presente!...

LUIZ.

Ah! foi um presente?

CAROLINA.

Não é de bom gosto?

LUIZ.

Muito lindo!

CAROLINA.

Quanto valerá?

LUIZ.

Nada para mim; para outros talvez seja o preço de uma infamia.

CAROLINA.

Faltava o insulto!...

SCENA VII

OS MESMOS e HELENA..

HELENA.

Sabes quem está ahi ?

CAROLINA.

Não.

HELENA.

O Ribeiro.

CAROLINA.

Ah!

HELENA.

Que virá fazer ?

CAROLINA.

Não sei. Naturalmente recebeu a minha carta mais cedo do que devia.

HELENA.

Tu lhe escreveste?... Para que?

LUIZ, a Carolina.

Seu amante !

CAROLINA.

Eu o espero.

SCENA VIII

OS MESMOS e RIBEIRO.

RIBEIRO , a Carolina.

Esta carta?

CAROLINA.

É minha.

RIBEIRO.

Que quer dizer isto?

CAROLINA.

Não leu?... Previni-o da minha resolução.

RIBEIRO.

Não acredito!.., Tu não pódes deixar-me !

CAROLINA.

Não posso!... Porque ?

RIBEIRO.

Tu és minha, Carolina! Tu me pertences!

CAROLINA.

Engana-se; o que lhe pertence ficou em sua casa; deixando-o, deixei tudo que me havia dado.

RIBEIRO.

Que me imporia isso? É a ti que eu não quero, e não devo perder!

CAROLINA.

Sei que incommoda a falta de um objecto com o qual estamos habituados ! Mas paciencia... Nem sempre a moça timida havia de sujeitar-se ao jugo que lhe impuzerão.

RIBEIRO.

E a segunda vez que me fazes esta exprobração. Não me

comprehendes! Se cu não te amasse, teria realisado os teus sonhos ; gozaria um momento comtigo d'essa vida louca e extravagante que te fascina, e depois te abandonaria ao acaso. Mas Deos punio-me com a minha propria falta; quiz seduzir-te e amei-te. Não sabes o que tenho soffrido... em que lula vivo com minha familia !

CAROLINA.

N'este ponto me parece que se algum de nós deve ao outro, não é de certo aquella que sacrificou a sua existencia. Mas não cuide que me queixo; aceito o meu destino ! Fui eu que assim o quiz...

RIBEIRO.

Tu me lembras que tenho uma divida de honra a pagar-te.

CAROLINA.

Obrigada! Basta-me a liberdade e o socego!

RIBEIRO.

Então decididamenle me deixas?

CAROLINA.

Já o deixei; já não estou em sua casa. A minha é nas Larangeiras.

RIBEIRO.

A d'elle, queres dizer ? A do Pinheiro!

CAROLINA.

É o mesmo!

LUIZ.

E era esta mulher que ha pouco fallava de amor!

CAROLINA.

Não era esta, não senhor; era a outra a quem insultárão.

Vai saliir.

RIBEIRO.

Uma palavra, Carolina !...

CAROLINA.

Que quer ainda, senhor?

RIBEIRO.

Eu te seduzi, fiz-te desgraçada, não é verdade?... Pois bem! Arrostro a opposiçao de minha familia ! Arrostro tudo ! Quero reparar a minha falta! És a mãi de minha filha ; sê minha mulher !

CAROLINA.

Tua mulher !

RIBEIRO.

Sim, Carolina ! É um sacrifício que te devo.

CAROLINA.

Não lh'o pedi!

RIBEIRO.

Mas sou eu que te supplico !

LUIZ.

É a honra, é a virtude, é a felicidade que elle lhe restitue!

Apparece Pinheiro.

SCENA IX

OS MESMOS e PINHEIRO.

CAROLINA.

Não! É tarde!...

LUIZ.

Carolina!...

CAROLINA.

Já que o amor não é possível para mim, prefiro a liberdade!... Quero ver a meus pés um por um todos esses homens orgulhosos que tanto blasonão de probos e honestos!... Ahi curvando a fronte ao vicio, o marido trahirá sua esposa, o filho abandonará sua família, o pai esquecerá os seus deveres para mendigar um sorriso. Porque no fim de contas, virtude, honra, gloria, tudo se abate com um olhar, e roja diante de um vestido. (A Pinheiro) Meu carro?..

PINHEIRO.

Está na poria.

HELENA.

Vem ver como é rico !

RIBEIRO.

Lembra-te ao menos de tua filha !...

CAROLINA.

Deixo-a a seu pai como um remorso vivo !

LUIZ.

Reflicta, Carolina; aceite a reparação que o senhor lhe offerece; faça de um homem arrependido, de uma moça desgraçada e de uma menina orphã, uma familia; dê a felicidade a seu marido, e um nome a sua filha!

CAROLINA.

E quem me dará a mim o que eu perco ?

LUIZ.

A sua consciencia.

CAROLINA.

Não a conheço ! Adeos !

Vai sahir.

RIBEIRO.

Não! Tu não sahirás com esle homem!

CAROLINA.

Quem impedirá?

RIBEIRO.

Eu!

HELENA.

Sr. Ribeiro, seja prudente!

PINHEIRO.

É o que me faltava ver! Que o senhor queira levar o ridiculo a este ponto! Tem algum direito sobre ella?

RIBEIRO.

Tenho o direito de vingar-nie de um amigo desleal que me trahio!

PINHEIRO.

Eu trahi; e o senhor?... Roubou! Roubou a filha a seus pais!

LUIZ, a Carolina.

Veja os homens a quem ama!

CAROLINA.

Não amo a ninguem! Sou livre!

Caminhando para a porta vê Margarida que entra pelo braço de Araujo, recúa com espanto.

SCENA X

OS MESMOS, MARGARIDA e ARAUJO.

CAROLINA.

Ah! Esqueci que ainda tinha mãi!

MARGARIDA.

Carolina !

LUIZ.

Tardaste muito !

ARAUJO.

Apezar de toda a sua coragem, faltavão-lhe as forças! Que te disse ella?

LUIZ.

Cala-te !

MARGARIDA.

Carolina!... Não fallas á tua mãi? Não me queres conhecer?... Depois de tanto tempo !... Tens medo de mim?... Não penses que vim reprehender-te... accusar-te! Já não tenho forças!... Vim pedir-te que me restituas a filha que perdi! Queria ver-te antes de morrer... Eu te perdôo tudo... Não tenho que perdoar... Mas falla-me... Olha-me ao menos !... Mais perto ! Quasi não te vejo!... As lagrimas cegão... e tenho chorado tanto !...

CAROLINA.

Minha mãi!

MARGARIDA.

Ah!

CAROLINA.

Oh ! não.

MARGARIDA.

Que tens?

CAROLINA..

Tenho vergonha!

MARGARIDA.

Abraça-me! Deos ouvio as minhas orações! Achei emfim minha filha... minha Carolina!

CAROLINA.

Não está mais zangada comigo?

MARGARIDA.

Nunca estive!... Tinha saudades!... Porém agora não nos separaremos mais nunca. Vem!...

CAROLINA.

Para onde?

MARGARIDA.

Para a nossa casa; has de achal-a bem mudada. Mas tudo voltará ao que era. Estando tu lá, a alegria entrará de novo; seremos muito felizes, eu te prometto.

CAROLINA.

Está tão fraca!

MARGARIDA.

Comtigo sinto-me forte! Já não estou doente: vê!

Dá um passo e vacilla.

CAROLINA.

Nem póde andar!... Mas tenho ahi o meu carro.

MARGARIDA.

Teu carro !...

CAROLINA.

Sim! Ainda não vio? E' muito bonito !

MARGARIDA.

Todas essas riquezas que compraste tão caro e que tantos soffrimentos custarão á tua mãi, já não te pertencem, Carolina. Atira para longe de ti estes brilhantes!... Não te assentão !

CAROLINA.

Minhas joias!...

MARGARIDA.

Oh! Não lamentes a sua perda! Beijos de mãi brilhão mais em tuas faces do que esses diamantes ! Tu eras mais bonita quando iamos á missa aos domingos!

CAROLINA.

Pois sim!

Afasta-se.

LUIZ, a Margarida.

Era a minha ultima esperança!

MARGARIDA.

Não falhou, o coração me dizia...

CAROLINA, no espelho.

Não! Não tenho coragem!

MARGARIDA.

Que dizes?...

CAROLINA.

Perdão! minha mãi! E' impossível!

MARGARIDA.

Lembra-te, minha filha, que é a tua deshonra que tu mostras a todos!

CAROLINA.

Que importa?... Minhas joias!... Tão lindas!... Sem ellas o que serei eu?... Uma pobre moça que excitará um sorriso de piedade!... Não! Nasci com este destino! E' escusado...

LUIZ, a Margarida.

Foi irrital-a !

MARGARIDA, a Carolina.

Escuta ! Não exijo nada ! Não quero saber de cousa alguma! Faze o que quizeres; mas deixa-me acompanhar-te; deixa-me viver comtigo; eu partilharei até mesmo a tua vergonha.

CAROLINA.

Nunca! minha mãi! Seria profanar o unico objecto que eu ainda respeito neste mundo. Adeos...

MARGARIDA.

Carolina !

CAROLINA.

Adeos... e para sempre!

MARGARIDA.

Ah!

Desmaia.

LUIZ.

Assim, depois de ter desconhecido o pai, e abandonado a filha, repelle a mãi !

CAROLINA.

Como ha pouco me repellírão.

FIM DO SEGUNDO ACTO.

ACTO III

Em casa de Carolina. Sala rica e elegante.

SCENA PRIMEIRA

CAROLINA, HELENA, MENEZES e ARAUJO.

CAROLINA.

Diga alguma cousa, Sr. Araujo.

ARAUJO.

Prefiro ouvir.

CAROLINA.

Como está seu amigo?

ARAUJO.

Bom, obrigado.

CAROLINA.

Porque elle não veio?

ARAUJO.

Deve saber a razão.

CAROLINA.

Elle foge de mim; não é verdade?

ARAUJO.

Creio que foi a senhora que fugio d'elle.

MENEZES.

Que é feito do Pinheiro?

CAROLINA.

Não sei.

HELENA.

Anda por ahi. Depois que deitou fóra a fortuna do pai vive tão murcho !

MENEZES.

Está pobre !

HELENA.

Não tem vintem.

CAROLINA.

Era um esperdiçado!

ARAUJO.

Ninguem póde melhor dizêl-o do que a senhora.

CAROLINA.

Explique-se.

ARAUJO.

Este luxo explicará melhor. Quem lh'o deu?

CAROLINA, subindo.

Não me recordo.

HELENA, na janella a Carolina.

Não passeias hoje? A tarde está tão linda!

CAROLINA.

Talvez.

ARAUJO.

Vou-me embora.

MENEZES.

Tão depressa?... Para isso não valia a pena incommodar-nos.

ARAUJO.

E' verdade! Mas convidei-te para esta visita só por um motivo.

MENEZES.

Qual?

ARAUJO.

Luiz pedio-me que soubesse noticias d'ella. Vim buscal-as eu mesmo, para dal-as exactas.

MENEZES.

Pois então demora-te; talvez ainda tenhas que ver.

HELENA.

Olha! Lá vai aquella sujeita!

CAROLINA.

Quem?

HELENA.

A mulher do Fernando, a quem pregaste aquella peça!

CAROLINA.

Lembro-me.

HELENA.

Que bem feita cousa!

MENEZES.

O que?

HELENA.

E' uma historia muito engraçada. O senhor não sabe?

MENEZES.

Não. Conta, Carolina.

CAROLINA.

Não estou para isso. Se queres conta tu, Helena.

ARAUJO.

E' o melhor.

HELENA.

Foi no ultimo dia de grande gala que houve...

ARAUJO.

O dia 7 de Setembro.

HELENA.

Isso mesmo. O Fernando, por pedido da mulher, veio a cidade de proposilo para comprar um bilhete de camarote

do theatro Lyrico. Os cambistas lhe fizerão dar cem mil réis por um da segunda ordem... Numero?...

CAROLINA.

Não me lembro.

HELENA.

Como já era tarde, jantou na cidade e escreveu á mulher dizendo que se apromptasse porque tinhão o camarote. Na ida passou por aqui e entrou. Começamos a conversar, fallou-se de theatro; Carolina estava morrendo por ir... Emfim, para encurtar razões, déu-lhe o bilhete.

ARAUJO.

Que tratante !

HELENA.

Ao contrario um homem delicado!... Mas o melhor é que sáhindo d' aqui, e não sabendo que desculpa havia de dar á mulher, não foi á casa, nem lembrou-se da carta que tinha escripto. Ora, a sujeita vendo que elle não ia, metteu-se no carro e largou-se para o theatro.

ARAUJO.

Adivinho pouco mais ou menos o resto.

HELENA.

Não adivinha, não ! Quando o bilheteiro ia abrindo a porta, chegou Carolina que ia comigo, e disse : — Este camarote é meu. — A mulher do Fernando respondeu :

— Não é possível; meu marido o comprou hoje para mim. — O que havia ella de replicar? — Foi seu marido mesmo quem m'o deu; aqui está o bilhete, que por signal custou-lhe cem mil réis.

ARAUJO.

Ella disse isto?...

HELENA..

Palavra de honra.

ARAUJO.

E que fez a mulher ?

HELENA.

Que havia de fazer? Retirou-se corrida.

MENEZES.

Retirou-se, sim; e sem dizer uma palavra; porque uma senhora não dá á amante de seu marido nem mesmo a honra de indignar-se contra ella. Quanto ao homem que praticou esse acto infame, perdeu para sempre a estima de sua esposa e a dos homens de bem. Queira Deos que elle não veja um dia os seus cabellos brancos manchados por esse mesmo vicio que alimentou.

CAROLINA.

Está o Menezes como quer; derão-lhe thema para fazer discursos.

ARAUJO,

Mas diga-me uma cousa. A senhora pensa que a socie-

dade póde tolerar por muito tempo uma mulher que não respeita cousa alguma?

CAROLINA, rindo.

Ahi vem o outro com a sociedade!

HELENA.

É bem lembrada!

ARAUJO.

Olhem que não estou disposto a rir-me.

MENEZES.

Ri; é o melhor; não tornes isto ao serio.

CAROLINA.

Como quizerem; para mim é indifferente ! Essa sociedade de que o senhor me falla, eu a desprezo.

ARAUJO.

Porque a repelle!

CAROLINA.

Porque vale menos do que aquellas que ella repelle do seu seio. Nós ao menos não trazemos uma mascara, se amamos ura homem, lhe pertencemos; se não amamos ninguem, e corremos atrás do prazer, não temos vergonha de o confessar. Entretanto, as que se dizem honestas cobrem com o nome de seu marido e com o respeito do mundo os escandalos da sua vida. Muitas casão por dinheiro com o homem a quem não amão ; e dão sua mão

a um, tendo dado a outro a sua alma! E é isto o que chamão virtude?... É essa sociedade que se julga com direito de desprezar aquellas que nãoilludem a ninguém, e não fingem sentimentos hypocritas?...

ARAUJO.

Têm o merito da impudencia.

CAROLINA.

Temos o merito da franqueza. Que importa que esses senhores que passão por sisudos e graves nos condemnem e nos chamem perdidas ?... O que são elles?... Uns profanão a sua intelligencia, vendem a sua probidade, e fazem um mercado mais vil e mais infame do que o nosso, porque não têm, nem o amor, nem a necessidade por desculpa; porque calculão friamente. Outros são nossos complices, e vão com os lábios ainda humidos dos nossos beijos manchar a fronte casta de sua filha, e as caricias de sua esposa. Oh ! Não fallemos em sociedade, nem em virtude !... Todos valemos o mesmo ! Todos somos feitos de lama, e amassados com o mesmo sangue e as mesmas lagrimas !...

MENEZES.

Não te illudas, Carolina ! Esse turbilhão que se agita nas grandes cidades; que enche o baile, o theatro, os espectaculos; que só trata do seu prazer, ou do seu interesse ; não é a sociedade. É o povo, é a praça publica.

A verdadeira sociedade, da qual devemos aspirar á estima, é a união das familias honestas. Ahi respeita-se a virtude e não se profana o sentimento ; ahi não se conhecem outros titulos que não sejão a amizade e a sympathia. Corteja-se na rua um individuo de honra duvidosa; tolera-se numa sala ; mas fecha-se-lhe o interior da casa.

CAROLINA.

Quanta palavra inutil!...

MENEZES.

Não são para ti, bem sei; mas sahem-me sem querer, e felizmente aqui está um amigo que me escuta com prazer.

ARAUJO.

Realmente precisava ouvir-te para não duvidar de mim, e de todos esses objectos que estou habituado a respeitar.

HELENA

Fallemos de cousas mais alegres.

MENEZES.

Não lhe agrada a conversa n'este tom?

Batem palmas.

HELENA.

Não entendo d' isto; é bom para Carolina que vive a ler.

MENEZES.

Ah! Lê romances naturalmente?

CAROLINA

Que lhe importa!

SCENA II

OS MESMOS e PINHEIRO.

HELENA, na porta.

Não lhe póde faltar! Não teime !

CAROLINA.

Quem é?

HELENA.

O Pinheiro.

CAROLINA.

Que vem elle fazer cá? Dize-lhe que não estou em casa.

ARAUJO.

Bate-lhe na cara com essa mesma porta que elle fechava outr'ora com a sua chave de ouro.

MENEZES, a Araujo.

Não te disse que ainda tinhas que ver?

PINHEIRO, a Helena.

Deixa-me ! Hei de fallar a Carolina.

Entra.

HELENA.

Onde vio o senhor entrar assim na casa dos outros ?

PINHEIRO.

São màos habitos que ficão a quem já foi dono. Meus senhores!...

MENEZES.

Sr. Pinheiro!

Estendendo-lhe a mão.

PINHEIRO, recusando confuso.

Tem passado... bem...

MENEZES.

Póde apertal-a; nunca a estendi aos favores do homem rico ; offereço-a ao homem pobre que sabe supportar dignamente a sua desgraça.

PINHEIRO, apertando a mão.

Se todos tivessem esta linguagem...

ARAUJO.

Ella não teria merecimento, Sr. Pinheiro.

PINHEIRO.

Os senhores permittem que eu diga algumas palavras em particular a Carolina?

MENEZES.

Sem duvida ! Esperaremos n'aquella saleta. Anda, Helena ; vem divertir-nos contando os teus arrufos com o Vieirinha.

HELENA, a Carolina.

Não soffras massada.

CAROLINA.

Deixa.

SCENA III

PINHEIRO e CAROLINA

PINHEIRO.

Vejo que a minha presença lhe aborrece, Carolina. Só um motivo forte me obrigaria a importunal-a.

CAROLINA.

Previno-lhe que vou sahir; portanto não se demore.

PINHEIRO.

Houve tempo em que n'esta mesma casa, n'este mesmo lugar, a mesma voz se queixava quando eu não podia me demorar.

CAROLINA.

Deixemos o passado em paz.

PINHEIRO.

Não se recorda?

CAROLINA.

As mulheres só começão a recordar-se depois dos quarenta annos ; antes gozão.

PINHEIRO.

Pois bem ! Que se esqueça o amor, comprehendo; mas ha certas cousas que lembrão sempre.

CAROLINA.

Não sei quaes sejão.

PINHEIRO.

Os beneficios.

CAROLINA.

Deixão de ser quando se lanção em rosto.

PINHEIRO.

Não foi essa minha intenção, Carolina; desculpe. O meu espirito se azeda com estas reminiscencias. Antes que a offenda de novo vou dizer o que lhe quero pedir.

CAROLINA.

Ah! Vem pedir ?

PINHEIRO.

Admira-se !

CAROLINA.

Como nunca pedi, estranho sempre que me pedem

PINHEIRO

Talvez algum dia seja obrigada...

CAROLINA.

Deixamos o passado para tratar do futuro? Pois olhe. se um pertence ás mulheres velhas, o outro é o consolo das pobres meninas de dezoito annos, que vivem a sonhar.

PINHEIRO.

D' este modo não me deixa dizer...

CAROLINA.

Quem lhe impede ?

PINHEIRO.

Suas palavras de sarcasmo.

CAROLINA.

Estou hoje contrariada.

PINHEIRO.

Por que motivo?

CAROLINA.

Não sei.

PINHEIRO.

É a minha presença?... Tem razão; estou lhe roubando o seu tempo; outr'ora podia compral-o; hoje estou pobre;

gastei toda a minha fortuna. Não me queixo, nem a accuso. Soffreria resignado essa perda se ella fosse apenas uma perda de dinheiro, e não acarretasse a desgraça de outra pessoa.

CAROLINA.

Que tenho eu com isto ?

PINHEIRO.

Deixe-me acabar. Vou confessar-lhe uma vergonha minha; mas é preciso; seja este o primeiro castigo. Escuso lembrar-lhe, Carolina, que ou por amor ou vaidade, procureisempre adivinhar, para satisfazêl-os, os seus menores desejos.

CAROLINA.

Loucura! Não ha nada que encha esse vacuo immenso que se chama o coração de uma mulher.

PINHEIRO.

É exacto, toda a minha fortuna se sumio no abysmo ; restavão-me apenas cinco contos de réis, que não me pertencião. Erão um legado que meu pai deixára como dote a uma menina orphã, sua afilhada. Esse dinheiro devia ser sagrado para mim por muitos motivos ; devia, respeitar n'elle a ultima vontade de meu pai; e a propriedade alheia; entretanto foi com elle que comprei aquella pulseira que lhe dei no ultimo dia em que estive n'esta casa.

CAROLINA.

Ah! Aquella pedra só custou cinco contos?

PINHEIRO.

Custou um roubo ! A orphã me pede o seu dote para casar-se ; e eu não o tenho para restituir-lhe.

CAROLINA.

Então é impossível; não pense mais n'isso.

PINHEIRO.

Não é impossível se quizer, Carolina; faça um sacrifício, empreste-me essa joia, e juro-lhe que com o meu trabalho lhe pagarei o valor d'ella!...

CAROLINA, rindo.

Ah! Ah ! Ah!... É interessante!... Sr.Menezes! Helena! Sr. Araujo!... Oucão esta! É original.

SCENA IV

OS MESMOS, MENEZES, ARAUJO e HELENA.

HELENA.

O que é?

MENEZES

Alguma outra anecdota?

CAROLINA.

Uma lembrança muito engraçada.

ARAUJO.

Faço idéa !

CAROLINA.

O senhor entendeu que devo agora fazer-me mascat de joias.

MENEZES.

Não é má profissão.

CAROLINA.

Adivinhem o que elle veio propôr-me!

HELENA.

Porque não explicas logo?

CAROLINA.

Querem saber?

PINHEIRO.

Eu poupo-lhe o trabalho ; não tenho vergonha de confessar. É um homem, meus senhores, que tendo consumido com uma mulher a sua fortuna perdeu a razão ao ponto de comprar-lhe o ultimo presente com um deposito sagrado que lhe foi confiado. Ameaçado do opprobrio de uma condemnação, esse homem veio pedir áquella a quem tinha sacrificado tudo, que o salvasse, emprestando-lhe essa joia, cujo valor elle jurava restituir-lhe

cem o seu trabalho. A. resposta que teve foi a gargalhada que ouvirão.

CAROLINA.

Não tinha outra.

MENEZES.

Certamente.

ARAÚJO.

Como, Menezes ?

CAROLINA.

Vê !

PINHEIRO.

O senhor approva ?

MENEZES.

Não, senhor.

ARAUJO.

Mas então ?...

MENEZES.

Desgraçados dos homens de bem, Araujo, se o mundo não fosse assim; se o vicio não tivesse em si esse principio de destruição que é o seu proprio correctivo. Estimo o Sr. Pinheiro desde que sube a maneira digna com que aceitou o seu infortunio; mas esse infortunio proveio de sua paixão louca por Carolina ; elle não podia, não devia achar n'ella um sentimento de gratidão. É preciso que o despreze para o puniu; é preciso que lhe negue

para uma boa acção o dinheiro com que elle acabou de perdêl-a. A avareza (designa Carolina) corrige a prodigalidade. (Designa Pinheiro.)

CAROLINA.

Avareza ! Não admitto !

ARAUJO.

E que nome tem isto ?

CAROLINA.

Chame-lhe ingratidão, chame-lhe o que quizer; mas avareza, não! Faço tanto caso do dinheiro, como da moral que trazem certos sujeitos na algibeira, e da qual só usão quando lhes convem, como de um charuto, de um lenço, ou de uma caixa de rapé. E a prova é que essa joia, dal-a-hia de esmola a qualquer miseravel, se não estivesse convencida que elle amanhã nem me tiraria o chapé o !

PINHEIRO.

Quando eu passo á noite pela travessa de S. Francisco de Paula, ouço vozes humildes que supplicão, e que já fallárão mais alto do que a sua, Carolina.

CAROLINA.

Que tem isto? Se algum dia ouvir a minha não a escute, como eu hoje não quero escutar a sua.

PINHEIRO.

Nem todos possuem o seu coração.

CAROLINA.

Isso é verdade !

ARAUJO.

E o seu amor...

SCENA V

CAROLINA, MENEZES, HELENA e ARAUJO.

CAROLINA.

Amor ?...

ARAUJO.

Amor ao dinheiro.

CAROLINA.

Mas seriamente, os senhores não me comprehendem. Não sabem que para uma mulher não ha ouro que valha o prazer de humilhar um homem.

MENEZES.

Tanto odio nos tens ?

CAROLI.NA.

Muito !...

ARAUJO.

Comtudo não posso crer que aquellas que durante toda

a sua existencia correm atrás do dinheiro, fação d'elle tão pouco caso.

CAROLINA.

Pois creia; todas essas minhas joias, todo esse luxo e riqueza, que me fascinárão, e que hoje possuo, não os estimo senão por uma razão.

ARAUJO.

Qual?

CAROLINA.

Talvez possão realisar um sonho da minha vida.

ARAUJO.

E que sonho é esse?

CAROLINA.

Não digo.

ARAUJO.

Porque ?

CAROLINA

Vai zombar de mim.

ARAUJO.

Não tenha receio.

MENEZES.

Para zombar começariamos tarde !

CAROLINA.

E que zombem, não faz mal. Toda a creatura boa tem

o seu fraco; assim toda a mulher, por mais desgraçada que seja, conserva sempre um cantinho puro onde se esconde a sua alma.

MENEZES.

Estás bem certa que tens uma alma, Carolina?

CAROLINA.

Talvez me engane; é possível. Mas eu guardo-a com tanto cuidado!

ARAUJO.

Aonde, n'alguma caixinha?

CAROLINA.

Justamente! N' uma caixinha de charão... Vai ver, Helena ; está no meu guarda-vestidos.

Dá-lhe as chaves.

MENEZES.

E debaixo de chave !... És prudente !

CAROLINA.

No meio de todas as minhas extravagancias, de todos os meus prazeres, eu sentia uma pequena parte de mim mesma que nunca ficava satisfeita; chamei a isto minha alma, tive pena d'ella, fechei-a dentro d' essa caixa, e disse-lhe que esperasse até um dia em que seria feliz.

Helena volta com a caixa.

ARAUJO.

Ah! É esta?

MENEZES.

E de que maneira pretendes dar-lhe a felicidade?

CAROLINA.

Não sei; mas como o dinheiro é tudo, fiz uma cousa; dividi o que eu tinha e o que viesse a ter com a minha alma. Voltava de uma cêa onde me tinha divertido muito; mettia dentro d' esta caixa todo o dinheiro que possuia, para que um dia o espirito tivesse um igual divertimento. As minhas joias, depois de usadas uma vez, se escondião aqui dentro; emfim a cada prazer que eu gozava, correspondia uma esperança que guardava.

MENEZES, apontando para a caixa.

E quanto valerá hoje a tua alma ?

CAROLINA.

Não sei; o que entra aqui dentro é sagrado, não lhe toco, nem lhe olho; tenho medo da tentação. Só abro esta caixa á noite, quando me deito.

MENEZES.

Pois deixa dar-te um conselho; põe a tua alma a juro no banco, e esquece-te d'ella. Ha de servir-te na velhice. Ou então diverte-te !...

CAROLINA.

Não; vou dál-a.

ARAUJO.

A quem ?

CAROLINA.

A um homem que não me ama; e por causa do qual jurei que havia de ver todos os homens a meus pés, para vingar-me n'elles do desprezo de um. E sabem se cumpri meu juramento!...

MENEZES.

É talyez isto, Carolina, que faz de tua vida um phenomeno, que eu estudo com toda a curiosidade. Tu és um d'esses flagellos, não faças caso da palavra... um d'esses flagellos que a Providencia ás vezes lança sobre a humanidade para punil-a dos seus erros. Começaste punindo teus pais que te instruírão, e te prendárão, mas não se lembrárão da tua educação moral; léste muito romance, e nunca leste o teu coração. Puniste depois o Ribeiro que te seduzio, e o Pinheiro que te acabou de perder; ao primeiro que te roubou á tua família deixaste uma filha sem mâi; ao segundo que le enriqueceu empobreceste. Só me resta ver como te castigarás a ti mesma ; se não me engano tu acabas de revelar-me. Espero pelo tempo. Vamos, Araujo.

CAROLINA.

O senhor veio fazer-me ficar triste.

ARAUJO.

Virá depois de nós quem a alegre.

CAROLINA.

Escute!... Não!

ARAUJO.

Arrependeu-se?

CAROLINA.

Como eslá Luiz?

ARAUJO.

Não sei.

CAROLINA.

Não o tem visto ?

ARAUJO.

Ainda hontem.

CAROLINA.

Elle lhe falla ás vezes em mim !

ARAUJO.

Nunca.

SCENA V

CAROLINA e HELENA.

CAROLINA.

Nunca!...

HELENA.

Estás fallando só?

CAROLINA.

Estava pensando em uma cousa... Elle não virá, Helena!

HELENA.

Porque razão?

CAROLINA.

Ainda perguntas?

HELENA.

Não creias. Estou quasi apostando que não tarda ahi.

CAROLINA.

Tu não conheces Luiz!

HELENA.

Ora é boa! Conheço os homens, Carolina; para elles uma mulher é sempre uma mulher, sobretudo quando é bonita;

CAROLINA.

Terá recebido a carta ?

HELENA.

O Vieirinha entregou-a em mão propria.

CAROLINA.

O Vieirinha?... Não tinhas outra pessoa por quem mandar?...

HELENA.

Que tem que fosse elle?

CAROLINA.

Nada; é que me aborrece esse homem. Desejo nem vêl-o !...

HELENA.

Tu bem sabes...

CAROLINA.

Sei, mas não estou para supportal-o. Entra na minha casa como se fosse dono d'ella; hontem fui achal-o n'aquella sala a remexer na minha commoda.

HELENA

E faltou-te alguma cousa?

CAROLINA.

Não; mas para que isso não torne a acontecer, previno-te que se queres continuar a morar comigo deves descartar-te d'elle.

HELENA.

Não me animo a dizer-lhe...

CAROLINA.

E' um homem sem caracter !

HELENA.

Gosto d'elle, Carolina !

CAROLINA.

Tens um gosto bem extravagante!

HELENA.

Confesso! Se tu soubesses o que tenho soffrido!...

CAROLINA.

Porque queres.

HELENA.

E' verdade; mas não sei que poder tem sobre mim, que não posso resistir-lhe! Conheço que é um homem capaz de tudo; e entretanto, Carolina, se elle vier pedir-me, como já tem feito muitas vezes, que venda um traste meu para desempenhar o seu relogio... Tu vás le rir?... Pois eu não lhe negarei !

CAROLINA.

Não me rio, não, Helena; ao contrario, tive uma idea bem triste.

HELENA.

Que idéa ?

CAROLINA

Será esse o fim da nossa vida? A mulher que perverte seu coração estará condemnada a amar um dia algum homem ainda mais baixo do que ella?

HELENA.

E quem nos póde amar senão esses, Carolina?

CAROLINA.

Mas isso não é amor!

Luiz apparece na porta do fundo.

SCENA VII

OS MESMOS e LUIZ.

HELENA.

Sr. Vianna !...

CAROLINA.

Ah!...

LUIZ.

Creio que entra-se aqui pagando !...

Tira da carteira uma cedula que deita sobre o aparador.

CAROLINA.

Luiz !...

LUIZ.

Por este nome só me tratão os meus amigos e as pessoas que eu estimo.

CAROLINA.

Não é preciso recorrer a estes meios para mostrar-me o seu desprezo; eu o sinto mesmo de longe, e agora vejo-o mais no seu olhar do que nas suas palavras.

LUIZ.

Que quer de mim?

CAROLINA.

Queria fazer-lhe um pedido; mas já não tenho coragem.

LUIZ.

Então é inutil a minha presença aqui.

CAROLINA.

Não! Espere! Farei um esforço; porém prometta-me ao menos uma cousa.

LUIZ.

Não é preciso.

CAROLINA.

É muito; prometla-me que por mais estranho que lhe pareça o que vou dizer-lhe, deixe-me fallar; depois accuse-me, escarneça de mim; é o seu direito ; não me queixarei.

LUIZ.

A recommendação é escusada; tres vezes procurei com as minhas palavras reparar um erro; mas a final convenci-me que quando tine o ouro, não se ouve a voz da consciencia. Póde fallar.

CAROLINA.

Sente-se. Fecha aquella porta, Helena, e deixa-nos.

SCENA VIII

LUIZ e CAROLINA.

CAROLINA.

Consinta que ao menos agora que ninguem nos ouve eu o chame Luiz, como antigamente.

LUIZ.

Para que?

CAROLINA.

Este nome me lembra uma intimidade, e me faz esquecer o anno que passou.

LUIZ.

Para que esquecêl-o? E' o mais feliz da sua vida!

CAROLINA.

Podia ter sido se alguem me tivesse amado; mas elle

não quiz, ou não julgou que uma moça perdida valesse a pena de uma affeição.

LUIZ.

E valia?...

CAROLINA.

Talvez, Luiz! Sem o despeito d'essa repulsa talvez a filha não fosse surda ao grito de sua mãi e a mulher resistisse á fascinação que a attrahia.

LUIZ.

Ora!...

CAROLINA.

Oh! Não me defendo! A culpa é minha; o mal estava aqui. (Leva a mão à fronte.) Tinha sêde de prazer e precisava saciar-me; entretanto creio que tambem havia alguma cousa aqui (leva a mão ao coração), porque depois das minhas loucuras sentia um remorso do que tinha feito : e me parecia que me afastava cada vez mais d'aquelle de quem desejava approximar-me. E, cousa singular! Era justamente este remorso que me irritava mais, que me lançava n' algum novo escandalo, e me fazia olhar com um soberano desprezo para essa sociedade que me repellio, e para todas essas mulheres virtuosas que elle podia amar.

LUIZ.

Foi então para dizer-me isto .. que ..

CAROLINA.

Foi para dizer-lhe que esse amorlouco me tem sempre acompanhado, que resistio a tudo, e que hoje se ajoelha a seus pés!...

LUIZ.

Carolina!...

CAROLINA.

Luiz, não te peço que me ames, não; sou indigna, eu o sei! Mas, eu te supplico, me deixa amar-te !

LUIZ.

Cale-se!

CAROLINA,

Que lhe custa isso? Um homem não se mancha com a affeição de uma mulher, por mais desprezivel que ella seja; e e sempre doce sentir que se dá um pouco de felicidade a uma pobre creatura que o mundo condemna.

LUIZ

Não sou rico!

CAROLINA!

A mulher que ama não vende o seu coração : supplica que o aceitem !...

LUIZ.

E o partilhem com os outros!...

CAROLINA.

Não me comprehende, Luiz. Vê esta caixa ? Aqui tenho as economias da minha dissipação; guardei-as para um dia poder gozar um momento d'essa existencia doce e tranquilla, que eu não conheço. Não sei em quanto importão; mas devem chegar para viver um ou dous annos na Tijuca, ou em Petropolis. Venha comigo! Consinta que o ame! Logo que o aborrecer deixe-me! Assim ao menos quando começar para mim o desengano, quando de meus annos gastos na perdição só restar a velhice prematura, eu terei as recordações d'esses poucos dias de felicidade para encher ò vacuo do passado !

LUIZ.

Adeos, Carolina.

CAROLINA.

Não me recuse'...

LUIZ.

Eu lhe perdôo, porque ignora que isto que me propõe é uma infamia! Nunca amou, Carolina, senão comprehenderia que ninguem se avilta a ponto de aceitar esses sobejos de amor, esses restos de um luxo pago por tantos outros. Seus primeiros amantes, a quem arruinou, dirião que eu vivia da sua miseria.

CAROLINA,

Oh! não !...

Lurz.

E' inutil

CAROLINA.

Pois bem!... Antes de partir... porque sei que é esta a ultima vez que nos vemos... Luiz...

Apresenta-lhe a fronte timidamente.

LUIZ.

O que ?...

CAROLINA.

A sua lembrança !...

LUIZ.

Outros labios a apagarião !

CAROLINA.

Ah !...

SCENA IX

CAROLINA e HELENA.

HELENA.

Que foi?

CAROLINA.

Nada!... Menezes tem razão !

HELENA.

Em que?...

CAROLINA.

O melhor destino que eu posso dar á minha alma (aponta para a caixa) é gastal-a em uma cêa, e beber á nossa saude.

HELENA.

Que dizes?

CAROLINA

Quero divertir-me!

HELENA

Fazes bem !

CAROLINA,

Acende velas

Vieirinha outra e descobre a nota que Luiz deixara.

SCENA X

AS MESMAS e VIEIRINHA

VIEIRINHA.

Oh! Como anda o dinheiro por aqui! E' teu, helena?

CAROLINA.

Não senhor, é meu. Faz favor.

VIEIRINHA.

Empresta-me até amanhã.

CAROLINA.

Nunca empresto, costumo dar.

VIEIRINHA.

Então melhor...

CAROLINA.

Mas este não posso. Dar-lhe-hei outro.

VIEIRINHA.

Olhe la!...

CAROLINA.

Dou-lhe. este mesmo !

Toma o bilhete, e acende com elle o charuto.

HELENA.

Que vais fazer ?

VIEIRINHA.

Não consinto !...

CAROLINA, atirando a cinza do bilhete a Vieirinha.

Ahi tem : e aprenda a fumar!

VIEIRINHA.

Uma fumaça de cincoenta mil réis.

CAROLINA.

Tome; veja que gosto tem!

VIEIRINHA.

Apanha, Helena !

HELENA.

Estão batendo.

VIEIRINHA.

Póde entrar .

CAROLINA.

Vai ver quem é, Helena.

VIEIRINHA.

Se procurarem por mim, dize que não estou em casa,

CAROLINA.

Não podem procurar pelo senhor, que não mora aqui; aproveito a occasião para dizer-lhe que me faz um grande obsequio não apparecendo mais em minha casa.

VIEIRINHA.

Por hoje fico sciente.

CAROLINA.

Já disse o mesmo a Helena.

VIEIRINHA.

Depois arranjaremos isto. Pódes entrar, Ribeiro, senta-te

SCENA XI

OS MESMOS e RIBEIRO.

RIBEIRO,

Adeos, Carolina, como está !

CAROLINA.

Boa, obrigada. E... ellal

RIBEIRO.

Sua filha... Está muito linda!... É cm seu nome que venho...

CAROLINA.

Fazer o que?

RIBEIRO.

Não se assuste: é uma cousa muito simples. Lembra-se, Carolina, que ha um anno, depois que nos separámos, apezar de não querer conservar nada do que lhe tinha dado, aceitou como lembrança de sua filha uma cruzinha de perolas...

CAROLINA.

Lembro-me. Porque ?

RIBEIRO.

Hontem, por acaso comprando algumas joias reconheci

entre ellas essa cruz. Pensei quetalvez alguma necessidade urgente a obrigasse a vendêl-a ; comprei-a, e de novo lhe peço que a guarde em lembrança de sua filha.

CAROLINA.

Parece-se; mas não é a mesma...

Sahe Vieirinha.

RIBEIRO.

Veja na chapa o seu nome.

CAROLINA.

É verdade !... (Assustada.) Mas como é possivel!...

RIBEIRO.

Nunca se desfez d'ella ?

CAROLINA.

Estava n'esta caixa, com todas as minhas joias !... Para tiral-a... (Abre a caixa rapidamente; lira de dentro as caixas vazias.) Tudo ! Tirárão-me tudo ! Meu dinheiro!... Minhas joias!

HELENA.

Foi elle! (Apontando para a porta.) Oh! tenho foda a certeza !

RIBEIRO.

O Vieirinha?...

HELENA.

Sim; já me fez o mesmo, e hontem Carolina achou-o remexendo na commoda..

CAROLINA.

Esqueceu uma !... Leva a esse miseravel, teu amante, para que aproveite os restos do seu crime !

RIBEIRO.

Era tudo quanto possuía, Carolina?

CAROLINA.

Tudo ! E roubárão-me !...

RIBEIRO.

Então está pobre ?

CAROLINA,

Pobre!... Oh ! .. Não! Sou moça !

FIM DO TERCEIRO ACTO.

ACTO IV

Em casa de Carolina.— Sala pobre e miseravel. E' noite.

SCENA PRIMEIRA

HELENA e MENEZES.

HELENA

Quem é?

MENEZES.

Abre, Helena.

HELENA.

Ah! Sr. Menezes!

MENEZES.

Que significa isto?

HELENA.

Uma desgraça!

MENEZES.

Conta-me!... Recebi a tua carta; mas tu não aproveitaste muito as lições do teu mestre de grammatica; pouco entendi.

HELENA.

O senhor nada sabia?

MENEZES.

Nada absolutamente. Voltando á tua casa disserão-me que se havião mudado. Perguntei noticias ao Ribeiro, a quem encontrei ha dias. Não me soube dizer.

HELENA.

É que foi uma cousa tão repentina ! N'aquelle mesmo dia em que o senhor lá esteve com o Araujo, fazem dous mezes pouco mais ou menos, Carolina descobrio que estava roubada.

MENEZES.

Ah! Aquella caixinha de charão...

HELENA.

O Vieirinha com uma chave falsa abria e tirava as joias que Carolina guardava, deixando as caixas vazias, para que ella não desconfiasse.

MENEZES.

Que miseravel!

HELENA.

Ella coitadinha, a principio fingio não se importar; mas depois veio-lhe uma febre... Esteve á morte. Com a

molestia gastámos o que tinhamos; vendêmos tudo, e alugamos este cochichólo onde mal cabemos.

MENEZES.

Com effeito não parece habitação de gente.

HELENA.

Que remedio!... Mas o peior é que não temos nem o que comer! Se ao menos ella já estivesse boa... N'este desespero lembrei-me de escrever áquelles que tinhamos conhecido em outros tempos, ao senhor, ao Araujo, ao Ribeiro, ao Vianna... Escrevi até ao proprio Vieirinha !

MENEZES.

Depois do que elle fez?

HELENA.

Talvez esteja arrependido, e restitua uma parte do que roubou.

MENEZES.

Duvido muito; mas fica descansada. Fallarei aos outros. Entretanto deves ter necessidade de algum dinheiro...

Batem.

HELENA.

Ha de ser algum d'elles!

MENEZES.

É natural.

SCENA II

OS MESMOS, LUIZ e ARAUJO

LUIZ.

Onde está Carolina ?

HELENA.

Dorme; não a acorde. É o unico momento de allivio que tem.

LUIZ.

Está muito doente?

HELENA.

Agora vai um pouco melhor; mas ainda soffre bastante.

ARAUJO, a Menezes.

Foi depois d'aquelle dia que estivemos juntos em casa d'ella.

MENEZES.

É verdade.

ARAUJO.

Soubeste hoje ?

MENEZES.

Porque Helena me escreveu!

LUIZ.

Eu já sabia ha dias ; porém não me foi possivel descobrir a casa.

HELENA.

Uma rua tão exquisita !... Quando pensaria eu morar no Sacco do Alferes!...

MENEZES.

Não se acaba por onde se começa, Helena.

LUIZ.

Que é feito do homem que praticou esse roubo infame?...

MENEZES.

Anda por ahi muito satisfeito; vai casar-se...

HELENA.

Que feliz mulher!...

ARAUJO.

E deixa-se que um individuo d'esses goze tranquillamente do fructo do seu crime? Não havia meio de leval-o á policia ?

HELENA.

Com o vexame da doença de Carolina, nem me lembrei de semelhante cousa. Demais, que lucravamos nós com isso? Faltavão as provas; e quem se prestaria a ir jurar a nosso favor contra um homem conhecido?...

ARAUJO.

Conhecido como um tratante!

HELENA.

Mas sempre tem amigos; ninguém acreditaria...

ARAUJO.

Não estou por isso.

MENEZES,

Helena tem razão, Araujo; ninguem lhe daria credito, ninguem juraria a seu favor; e eu estimo bem que ella tenha consciencia do quanto desceu, que a sociedade nem ouve as suas queixas.

HELENA.

Não fallemos n'estas cousas agora, Sr. Menezes; já não têm volta...

ARAUJO.

O arrependimento nunca vem tarde.

HELENA.

Por isso eu vou passando muito bem sem elle.

ARAUJO.

Que mulherzinha!...

MENEZES.

Quantas não existem assim.

SCENA III

OS MESMOS e RIBEIRO.

MENEZES.

Oh!... Ribeiro!

RIBEIRO.

Tambem vieste?...

MENEZES.

O mesmo motivo nos trouxe a todos.

RIBEIRO.

Ah! Mas não se incommodem; eu me encarrego do que fôr preciso.

LUIZ.

Perdão, Sr. Ribeiro; aprecio a sua delicadeza; mas ella não me dispensa de cumprir o meu dever.

RIBEIRO.

Creio que é a mim que pertence como pai de sua filha...

LUIZ.

Não senhor; a obrigação de amparal-a é minha e ninguem m'a póde contestar. Sou seu parente; e represento aqui sua familia.

MENEZES.

Não ha duvida, Sr. Vianna; mas permitta-me que lhe diga tambem que quando se trata de uma boa acção não reconheço em ninguem o direito de excluir-me d'ella. Sou pobre...

RIBEIRO

Não se trata de fortuna, Sr. Menezes; nem um de nós é rico.

ARAUJO.

Pois então façamos uma cousa; associemo-nos; e partilhemos todos o prazer de fazer o bem.

LUIZ.

Não é necessario.

RIBEIRO.

É ser egoista, Sr. Vianna.

LUIZ.

Desculpe; se estivesse no meu lugar faria o mesmo.

RIBEIRO.

Estão batendo.

HELENA.

Vou ver.

MENEZES.

Pois advirto-lhe que não me sujeito.

LUIZ.

Se o senhor tivesse promeltido a uma mãi quasi moribunda restituir-lhe sua filha, consentiria que outros o ajudassem a cumprir essa promessa?

MENEZES.

Porque não? Seria orgulho...

LUIZ.

Talvez, Sr. Menezes; mas um orgulho legitimo. O que soffri por ella dá-me esse direito.

MENEZES.

Comprehendo e respeito essa dôr.

SCENA IV

OS MESMOS e VIEIRINHA.

RIBEIRO.

Que vem fazer aqui ?

VIEIRINHA.

O meu negocio não é com o senhor.

HELENA.

É comigo.

VIEIRINHA.

Justamente. Saiba que fez muito mal em escrever-me.

MENEZES.

Já eu o tinha dito.

VIEIRINHA.

Ah! Estás por aqui, Menezes ?

MENEZES.

Peço-lhe que se esqueça do meu nome.

VIEIRINHA.

Que quer isto dizer?

ARAUJO.

Quer dizer que ha cerlos conhecimentos que deshonrão um homem honesto.

VIEIRINHA.

Não entendo.

LUIZ.

Eu lhe explico. Tenha a bondade de retirar-se.

VIEIRINHA.

Depois de dizer algumas palavras a esta mulher.

HELENA,

Já não sabe como me chamo !

RIBEIRO.

De que te admiras? Já não tens dinheiro para dar-lhe.

HELENA.

Que quer de mim? Vem restituir o que roubou?... Quanto ao que lhe dei não é necessario.

VIEIRINHA.

Não quero que me escreva. Suas cartas podem comprometter-me; estou em vesperas de casar-me.

HELENA.

Que tem isso?...

VIEIRINHA.

Podem suspeitar que tenho relações com gente de tal qualidade.

HELENA.

E o senhor envergonha-se?...

VIEIRINHA.

Se lhe parece que é uma honra...

HELENA.

Não se envergonha porém do que praticou; não se lembra que por mais de um anno foi sustentado por uma mulher da minha qualidade.

VIEIRINHA.

Não dou peso ao que diz.

HELENA.

E não deve dar mesmo; porque a mulher que chegou a amar um homem como o senhor é bem desprezivel !...

Vieirinha quer sahir.

SCENA V

OS MESMOS e CAROLINA.

HELENA.

Pois não! Agora ha de ouvir-me!

ARAUJO a Carolina.

Sente-se melhor ?

CAROLINA.

Pouco.... Mas os senhores aqui... Luiz... Sr.Ribeiro...

RIBEIRO.

Incommoda-lhe a minha presença?

CAROLINA.

Não!... Mas porque não a trouxe ?...

RIBEIRO.

Nossa... Sua filha?...

CAROLINA.

Tinha tanta vontade de vêl-a !...

RIBEIRO.

Espere!... Voltarei antes de uma hora com ella.

HELENA.

Porque te levantaste, Carolina? Estás tão fraca !

CAROLINA.

Fallavas tão alto !...

HELENA.

É este sujeitinho... Tu o conheces hem!... Fez-me exasperar! Diz que se envergonha de conhecer-me... porque vai casar-se.

CAROLINA.

Casar-se!... Elle !... Com quem, meu Deos?

MENEZES.

Com a filha de um homem de hem.

ARAUJO.

Que não o conhece certamente.

SCENA VI

CAROLINA, LUIZ, MENEZES, ARAUJO, HELENA e VIEIRINHA.

HELENA.

Hei de contar-lhe uma historia. Ah! As minhas cartas o compromettem!... Veremos as suas...

VIEIRINHA.

As minhas?...

HELENA.

Os bilhetinhos que me escrevia pedindo-me que lhe valesse, que fosse desempenhar o seu relogio.

ARAUJO.

Serão um bom presente para o futuro sogro do senhor.

HELENA.

Está dito; vou mandai-as amanhã! Tenho-as aqui!

VIEIRINHA.

Helena !...

MENEZES, a Araujo.

Como lhe avivou a memoria! Já sabe o nome.

VIEIRINHA.

Escuta !...

HELENA,

Não se comprometia, meu senhor!

CAROLINA.

Vem cá, Helena.

HELENA.

O que queres?

CAROLINA.

Nunca te pedi nada. Dá-me estas cartas.

HELENA.

Para que?

CAROLINA.

Dá-me!...

LUIZ.

Que vai fazer?

CAROLINA.

Vingar-me !... Ahi tem! Rasgue essas provas que o podem denunciar; case-se com a filha d'esse homem de bem; entre no seio de uma família honrada; adquira amigos!... É a minha vingança contra essa gente orgulhosa que se julga superior ás fraquezas humanas.

LUIZ.

Não falle assim, Carolina; a sociedade perdoa muitas vezes.

CAROLINA.

Perdôa a um homem como este; recebe-o sem indagar do seu passado, sem perguntar-lhe o que foi; comtanto que tenha dinheiro, ninguem se importa que a origem

d'essa riqueza seja um crime ou uma infamia. Mas para a pobre moça que commetteu uma falta, para o ente fraco que se deixou illudir, a sociedade é inexoravel! Porque razão?... Pois a mulher que se perde é mais culpada do que o homem que furta o rouba ?

MENEZES.

Não de certo !

CAROLINA.

Entretanto elle tem um lugar n'essa sociedade; póde possuir uma família ! E a nós, negão-nos até o direito de amar! A nossa affeição é uma injuria! Se alguma se arrependesse, se procurasse rehabilitar-se, seria repellida; ninguem a animaria com uma palavra; ninguem lhe estenderia a mão...

Vieirinha sabe deixando aberta a rotula.

SCENA VII

CAROLINA, LUIZ, MENEZES, ARAUJO e HELENA.

MENEZES.

Talvez seja uma injustiça, Carolina; mas não sabes a causa?... É o grande respeito, a especie de culto, que o homem civilisado consagra á mulher. Entre os povos barbaros ella é apenas escrava ou amante ; o seu valor

está na sua belleza. Para nós é a triplice imagem da maternidade, do amor, e da innocencia. Estamos habituados a venerar n'ella a virtude na sua fórma a mais perfeita. Por isso na mulher, a menor falta mancha tambem o corpo, emquanto que no homem mancha apenas a alma. A alma purifica-se porque é espirito, o corpo não !... Eis porque o arrependimento apaga a nodoa do homem, e nunca a da mulher; eis porque a sociedade recebe o homem que se regenera, e repelle sempre aquella que traz em sua pessoa os traços indeleveis do seu erro.

CAROLINA.

É um triste privilegio !...

MENEZES.

Compensado pelo orgulho de haver inspirado ao homem as cousas mais sublimes que elle tem creado.

LUIZ.

Penso diversamente, Sr. Menezes. Por mais injusto que seja o mundo, ha sempre n'elle perdão e esquecimento para aquelles que se arrependem sinceramente; onde não o ha é na consciencia. Mas não se preoccupe com isto agora, Carolina; vê que não lhe faltão amigos, e essa mão que deseja, aqui a tem !

CAROLINA.

Me deixa beijal-a?

LUIZ.

Não se beija a mão de um irmão; aperta-se !

SCENA VIII

OS MESMOS e PINHEIRO.

HELENA.

Quem é o senhor?

PINHEIRO.

Um moço que veio no meu tilbury entrou aqui... Não posso esperar mais tempo ; são nove horas.

HELENA.

Como se chama?

PINHEIRO.

Vieirinha.

HELENA.

Ah! Já sahio!... Pregou um calote!

ARAUJO.

Para não perder o costume.

MENEZES.

Helena não lhe deu os dez tostões!

PINHEIRO.

Helena!... Os senhores!... Aqui!... E cila! Carolina!

CAROLINA.

Quem me chama?

PINHEIRO.

Ah!...

HELENA.

Sr. Pinheiro !...

PINHEIRO.

Como está magra e pallida!... Oh! Deos é justo!

LUIZ,

Cale-se, senhor; se não respeita a fraqueza de uma mulher, respeite ao menos o leito de um enfermo!

PINHEIRO.

Não é minha intenção offendêl-a; ao contrario... O acaso fez que o homem pobre, mas honrado, encontrasse diante das mesmas testemunhas, reduzida á miseria, a mulher que o arruinou, e que lhe respondeu com uma gargalhada quando elle pedia-lhe que o salvasse da vergonha. Esqueço tudo; e lembro-me que sou christão. Dou a minha esmola!...

CAROLINA.

Toda a esmola não pedida é um insulto; e um homem nunca tem direito de insultar uma mulher!

PINHEIRO.

Recebeu-as quando erão de brilhantes!...

CAROLINA.

Nunca recebi esmolas; recebia o salario da minha vergonha! Mas tique certo que não ha dinheiro no mundo que a pague. Todos os senhores que estendem a uma

mulher a mão cheia de ouro; que depois de lhe matarem a alma cobrem o seu corpo de joias e de sedas para reanimar um cadaver, julgão-se mutto generosos!... Não sabem que um dia essa mulher daria a sua vida para resgatar o bem perdido; e não o conseguiria!... Portanto não nos accusemos; o senhor perdeu a sua fortuna, eu perdi a minha felicidade; estamos quites. Se hoje sou uma mulher infame, não é o senhor, que concorreu para essa infamia, que foi complice d'ella, quem me póde condemnar.

MENEZES.

Aproveite a lição, Sr. Pinheiro; e guarde a sua esmola. Quando tiver passado este primeiro momento de irritação ha de reconhecer o que já lhe disse uma vez. lla creaturas n'este mundo que se tornão instrumentos da vontade superior que governa o mundo. Não foi Carolina que o arruinou, que do moço rico fez um cocheiro de tilbury; foi sim a vaidade, a imprudencia, e o desregramento das paixões, sob a fórma de uma moça. Incline-se pois diante da Providencia; e respeite na mulher desgraçada a victima do mesmo erro, e o agente de uma punição justa.

PINHEIRO.

Sempre respeitei a desgraça, Sr. Menezes; e ainda agora mesmo, se ella precisa de mim... Já não sou rico, mas as economias do pobre ainda chegão para alliviar um soffrimento.

CAROLINA.

Aceitei emquanto linha que dar! Hoje, não vé?... Sou uma sombra! Só peço aquillo a que os mortos têm direito... Que respeitem as suas cinzas!

PINHEIRO.

Eu me retiro, Carolina; desculpe se a offendi.

CAROLINA.

Não conservo o menor resentimento contra aquelles que encontrei no meu caminho. Corriamos todos atrás do prazer; o acaso nos reunio; o acaso separou-nos. Hoje que somos uns para os outros recordações vivas e bem tristes, devemos esquecer-nos mutuamente. Entre nós a estima, e mesmo a piedade seria uma irrisão!

PINHEIRO.

Quer assim?... Pois seja! Adeos!

Sahe.

SCENA IX

CAROLINA, LUIZ, MENEZES, ARAUJO e HELENA.

MENEZES.

Eis um exemplo de coragem bem raro no Rio de Janeiro.

LUIZ.

Qual?

MENEZES.

O d'esse moço. Outros em seu lugar lendo perdido a sua fortuna, andarião por ahi a incommodarem os amigos de seu pai, e os seus antigos conhecidos, para lhe arranjarem um emprego, que « não estivesse abaixo de sua posição. »

ARAUJO.

Como eu conheço muitos. Não têm vintem, e entendem que se deshonrão em ser caixeiros.

LUIZ.

É um prejuizo que já vai desapparecendo.

CAROLINA.

Mas, Sr. Menezes...

MENEZES.

O que é, Carolina?

CAROLINA.

Porque os senhores apparecêrão todos de repente?... Nem de proposito!...

MENEZES.

É verdade !

CAROLINA.

Como souberão a casa?

HELENA.

Escrevi-lhes.

CAROLINA.

Pedi-le tanto, Helena !...

LUIZ.

Não queria que viessemos ?

CAROLINA.

Para que affligil-os !...

MENEZES.

Mais nos affligiriamos se soubessemos que tinhas soffrido privações por falta de amigos.

CAROLINA.

Por isso não ! Não preciso de nada.

ARAUJO.

Como! Não póde ficar n'esta casa. É tão humida...

CAROLINA.

Quem não tem melhor!

ARAUJO.

Para que estamos nós aqui?...

CAROLINA.

Não, Sr. Araujo !... Não aceito cousa alguma.

MENEZES.

Deixa-te de caprichos.

CAROLINA.

Já não os posso ter!

Luiz e Araujo conversão baixo.

MENEZES.

Helena ha pouco me revelou as tuas circumstancias!... Hontem não teve com que comprar um frango para dar-te um caldo.

CAROLINA.

Oh! N'este ponto é escusado, Sr. Menezes!... Não cedo!

MENEZES.

Nem eu!

SCENA X

CAROLINA, HELENA, MENEZES e LUIZ.

LUIZ.

Não a contrarie!... Nada obteremos. Deixe-me com ella! Eu conseguirei persuadil-a.

MENEZES.

Com uma condição porém.

LUIZ.

Qual ?

MENEZES.

Que me tratará n'isto como um amigo.

LUIZ.

Era minha intenção, e a prova... Araujo foi buscar Margarida...

MENEZES.

A mãi de Carolina?

LUIZ.

Sim; precisava de alguem que fosse á minha casa, e a fizesse preparar para recebêl-a hoje mesmo; porque o essencial é tiral-a d'aqui, Contei com o senhor...

MENEZES.

E fez muito bem. Vou esperal-o.

CAROLINA.

Helena!

MENEZES.

Até logo, Carolina!

HELENA.

Tu me chamaste?

CAROLINA, a meia voz.

Toma esta cruz!... É uma lembrança de minha filha!... Sinto separar-me d'ella !... Mas é por pouco tempo.

HELENA.

Não penses n' isto!

CAROLINA, idem.

Vê se te dão alguma cousa por cila... e compra-me agua de flôr!... Tenho uma sêde !...

LUIZ.

Vai sahir?

HELENA.

Vou á botica; volto já!

SCENA XI

LUIZ e CAROLINA.

LUIZ,

Está soffrendo muito, Carolina?

CAROLINA.

Muito!... Mas emquanto sinto a dôr não penso... Não me lembro!...

LUIZ.

Incommodão-lhe as recordações do passado?

CAROLINA.

Envergonho-me do que sou, Luiz! Creio que não ha martyrio como este a que me condemnei. Agora é que entendo as palavras que me disse n'aquella noite...

LUIZ.

Procure esquecer, Carolina...

CAROLINA.

Não é possivel! Seria preciso arrancar a alma d'este corpo, e ainda assim ella se lembraria.

LUIZ.

O tempo ha de acalmar essa excitação.

CAROLINA.

Duvido !... Se soubesse, Luiz, que mysterios profundos encobre esta vida! Quem vê uma d'essas mulheres, sempre alegre e risonha, vestida ricamente, zombando de todos e de tudo, não adivinha o que se passa dentro d'aquelle coração, não sabe que miseria se esconde sob essa apparencia dourada!... É o desprezo do mundo, começando pelo desprezo de si mesma!... O vicio a torna incapaz de qualquer affeição, até mesmo do egoismo!...

LUIZ..

Comprehendo !

CAROLINA.

Mas o que não comprehende, nem póde comprehender, é a tortura que soffre essa mulher por causa do seu proprio erro. Para ella a belleza é tudo! É o luxo, é a estima, é a vaidade, é o sustento, é a existencia emfim! Com que susto lança ella os olhos sobre o espelho a todo o momento para interrogal-o?... E com que anciedade espera a resposta muda d'esse juiz implacavel que póde dizer-lhe : « Tu já não és bonita!» A menor sombra, a pallidez, o cansaço de uma noite de vigília, lhe parecem a velhice prematura que vem destruir as suas esperanças, e condemnal-a á miseria.

LUIZ.

Com effeito deve ser cruel!

CAROLINA.

E quando chega o dia em que a molestia lhe rouba as côres, a formosura, a mocidade, e da moça bonita que todos admiravão faz uma mumia; quando vem a pobreza, e é preciso para não morrer de fome... vender-se... Oh! É horrivel!... Preferia, Luiz, vender o meu sangue gotta a gotta!...

LUIZ.

Socegue, Carolina! esse horror que lhe causão as faltas que commetteu, é já o signal do arrependimento; elle lhe dará a força para repellir essa existencia.

CAROLINA.

Se fosse possivel!

LUIZ.

Como! Que diz?

CAROLINA.

Por mais forte que seja a vontade, Luiz, ha occasiões em que a necessidade a subjuga! Quem soffre privações não reflecte, não pensa...

LUIZ.

Então é isso que a afflige?...

CAROLINA.

Como deve ser amargo o sustento ganho com lanta vergonha e tanta humilhação !...

LUIZ.

Mas, Carolina... A minha presença devia tranquillisal-a.

CAROLINA.

Ohrigada, Luiz. Não posso... É um orgulho ridiculo, bem o sei... Porém nunca aceitarei...

LUIZ.

Nem de mim, Carolina ?

CAROLINA.

De meu primo, menos do que dos outros !

LUIZ.

Por que razão?

CAROLINA.

Não se lembra?...

LUIZ.

De que?... Não... Não me lembro!

CAROLINA.

Não lhe disse uma vez!... No meio d'essa existencia louca não perdi de todo a minha alma. Uma affeição a salvou. Suppliquei-lheum dia que a aceitasse. Depois que a supportasse apenas!... Recusou e eu lhe agradeço!

Conservei puro e virgem este amor!... Não me obrigue a fazer d'elle um dever!

LUIZ.

Pois bem, Carolina, não quer aceitar de mim, aceite de sua mâi.

CAROLINA.

De minha mãi?...

LUIZ..

Não deseja vêl-a?

CAROLINA.

Queria pedir-lhe, mas não me animava.

LUIZ.

Adivinhei o seu desejo.

CAROLINA.

E me peraoará ella, Luiz?

LUIZ.

Já perdoou.

CAROLINA.

Ah!...

Recosta-se extenuada,

SCENA XII

OS MESMOS e HELENA.

HELENA.

Demorei-me, porque a botica é longe.

CAROLINA.

Dá-me; tenho uma sêde!

HELENA.

Estás com febre! Não tomes em agua fria. You fazer-te um chá. Sim?

CAROLINA.

Como quizeres... A cabeça arde-me!...

LUIZ.

Veja se consegue dormir um pouco.

CAROLINA.

Antes acordada! Se durmo tenho sonhos horriveis !... Vejo meu pai como n'aquella noite! Minha mãi que chora... De-me a sua mão, Luiz... Deite-a sobre a minha testa... assim... Talvez me tire este fogo... (Pausa.) A vela apagou-se?

LUIZ,

Incommoda-lhe a falta de luz ?...

CAROLINA.

Tenho medo!... No escuro é que me apparecem as visões...

LUIZ.

Espere um momento!

CAROLINA\.

Onde vai ? Não me deixe!

LUIZ.

Volto já; vou ver luz. Não quer?

CAROLINA.

Sim! Sim!...

LUIZ.

Helena!

HELENA.

Chamou-me?

LUIZ.

Levou a vela?

HELENA.

Para fazer o remedio.

LUIZ.

Não tem outra ?

HELENA.

Esqueci-me comprar. Mas a venda é aqui junto; vou n'um momento.

LUIZ.

Deixe estar; irei eu mesmo. Faça o que ella lhe pedio.

HELENA, a Carolina.

Não te agonies; já está quasi prompto.

SCENA XIII

CAROLINA e ANTONIO.

ANTONIO.

O' de casa! Menina!... Deixaste a porta aberta?... Ah ! Ah! Ah!

CAROLINA.

Quem anda ahi ?

ANTONIO.

Sou eu; onde estás?

CAROLINA.

Mas quem é?

ANTONIO.

Tu não me conheces, mas é o mesmo! Porque estás no escuro?

CAROLINA.

Apagou-se a luz! Que me quer ?

ANTONIO.

Nada, menina! Vamos conversar!

CAROLINA.

Deixe-me!... Helena!

ANTONIO.

Tens as mãos tão frias!...

CAROLINA.

Estou doente! Sinto arrepios!

ANTONIO.

Porque não tomas um golezinho? A aguardente aquece.

CAROLINA.

Á aguardente?...

ANTONIO.

Sim; è o melhor remedio.

CAROLINA.

Dizem que faz esquecer... É verdade?

ANTONIO.

Se é!... Queres?

CAROLINA.

Oh! Se houvesse alguma cousa que me matasse esta sêde!

SCENA XIV

OS MESMOS, LUIZ, MARGARIDA, ARAUJO, HELENA, RIBEIRO e UMA MENINA.

ANTONIO.

Ha do matar!... Mas porque não te curas?

CAROLINA.

Não vale a pena curar-me!

ANTONIO.

Porque, menina?...

CAROLINA.

íà sou um cadáver! Pouco me resta de vida!...

ANTONIO.

São cantigas!...

CAROLINA.

Luiz! Luiz!

LUIZ.

É tua filha! Antonio !

CAROLINA.

Meu pai !…

MARGARIDA.

Antonio!...

ANTONIO.

Quem és tu?

MARGARIDA.

Não conheces tua mulher?

ANTONIO.

Ah!... Minha mulher e minha filha !...

LUIZ.

Cala-te!...

ANTONIO.

Não me toques!... (A Ribeiro.) Tambem veio ver? Ria-se... ria-se... Não me roubou minha filha?... Eu queria roubar sua amante!... Ah! Ah! Ah!...

FIM DO QUARTO ACTO.

EPILOGO

Em casa de Luiz. Sala simples, mas elegante.

SCENA PRIMEIRA

CAROLINA e MARGARIDA.

CAROLINA.

Luiz ainda não voltou, minha mâi ?

MARGARIDA.

Não! Creio que anda muito occupado.

CAROLINA.

O que será?

MARGARIDA.

Não sei. Não lhe perguntei.

CAROLINA.

Logo pela manhã fellou-se n' aquella sala. Não consentio que eu lá entrasse um instante.

MARGARIDA.

Para não interrompêl-o nos seus estudos.

CAROLINA.

E todos os dias emquanto elle trabalha, não vou arranjar-lhe os livros, endireitar-lhe os papeis e mudar as flôres dos vasos?... Nem por isso o perturbo. A's vezes elle mesmo me chama, e conversamos tanto tempo!... Outras apenas levanta a cabeça, me vê, sorri, e continua a trabalhar.

MARGARIDA.

Talvez hoje precisasse eslar só... Porém mudaste o teu vestido escuro?... Fizeste bem! Assim ficas mais alegre.

CAROLINA.

Nunca mais poderei ter alegria, minha mãi !... Por meu gosto não o mudaria ! Mas Luiz pedio-me que me vestisse de branco.

MARGARIDA.

Ah! foi elle...

CAROLINA.

De manhã quando nos vimos chegou-se a mim muito serio e disse-me que desejava pedir-me um favor. Cuidei que era outra cousa... Não tive animo de recusar-lhe

MARGARIDA.

Já o habituaste a fazer-lhe todas as vontades !.. E

assim deve ser, porque elle te estima como um verdadeiro irmão.

CAROLINA.

Infelizmente não mereço essa estima.

MARGARIDA.

Não digas isto, Carolina !

CAROLINA.

De que serve negal-o? Não é a verdade?

MARGARIDA.

Não te importes com o que pensa o mundo; não é para elle que vives, e sim para tua mãi, para aquelles que te amão. O teu mundo, o nosso, è esta casa.

CAROLINA.

E n'esta mesma casa não falta alguem?... O amor de minha mãi não me lembra que eu tenho um pai que não me quer ver, que foge de sua filha como de um objecto repulsivo ?...

MARGARIDA.

Isto te faz soffrer e a mim tambem! Mas consola-te; Luiz me prometteu que havia de trazêl-o...

CAROLINA.

E poderá elle cumprir essa promessa?

MARGARIDA.

Tenho esperança.

CAROLINA.

Ha mais de um anno que esperamos!...

MARGARIDA.

Por isso mesmo! O unico motivo que ainda te separa de Antonio é a vergonha que elle tem...

CAROLINA.

Vergonha?... De que, minha mãi?

MARGARIDA.

Do que fez!... Bebia... tanto... Como tu viste.

CAROLINA.

Então é só este o motivo?...

MARGARIDA.

Só ; pódes acreditar. Não conserva a menor queixa de li.

CAROLINA.

Perdoou tudo, então?

MARGARIDA.

Tudo!

CAROLINA.

Oh! mas Deos não perdoou, porque a todo o momento vejo...

MARGARIDA.

O que?

CAROLINA.

Nada, minha mãi, nada!

MARGARIDA.

Não chores!... Fallemos de outra cousa... Luiz já deve ter voltado. São cinco horas.

CAROLINA, enchugando os olhos.

Chorar não me entristece, minha mãi, ao contrario me consola.

SCENA II

AS MESMAS, LUIZ e MENEZES.

MARGARIDA, a Luiz.

Chegaste emfim!

CAROLINA.

Ah! Luiz!

MARGARIDA.

Sr. Menezes...

MENEZES.

Adeos, Margarida, (A Carolina.) Hoje está mais coradazinha!... Só falta o sorriso nos labios.

CAROLINA.

As lagrimas assentão-me melhor.

LUIZ.

Porque choravas, Carolina?

MARGARIDA.

Começou a lembrar-se...

LUIZ.

Não te é possível então esquecer?

CAROLINA.

E de que servia que eu esquecesse? Os outros se lembrarião.

LUIZ.

Como estás illudida, Carolina! O mundo é inconstante no seu odio, como na sua sympathia. Não tem memoria e esquece depressa aquillo que um momento o impressionou.

CAROLINA.

Com os homens succede assim! Com a mulher, não; aquella que uma vez errou, nunca mais se rehabilita. Embora ella se arrependa; embora pague cada um dos seus momentos de desvario por annos de expiação e de martyrio; embora illuminada pelo soffrimento ella comprehenda toda a sublimidade da virtude, e aceite como um gozo aquillo que para tantas é apenas um dever, um sacrifício ou um costume!... Nada d'isto lhe vale! Se ella apparecer o mundo arrancará o véo que cobre o seu passado.

LUIZ.

Quando o arrependimento não é sincero, porque então a sociedade é severa.

CAROLINA.

Não tem direito de ser! Deve lembrar-se que é a ver-

dadeira causa da hallucinação de tantas moças pobres... Porque ao passo que atira a lama ao ente fraco que se deixou illudir, guarda um elogio e um comprimento para o seductor.

MENEZES.

E assim deve ser, Carolina.

SCENA III

CAROLINA, LUIZ e MENEZES.

CAROLINA.

O senhor defende esta injustiça?

MENEZES.

Defendo a lei social, que na minha opinião deve ser respeitada até mesmo nos seus prejuizos. Como philosopho posso condemnar algumas aberrações da sociedade; como cidadão curvo-me a ellas e não discuto.

CAROLINA.

Mas por que razão toda a falta recahe unicamente sobre a parte mais fraca?

MENEZES.

Porque a virtude de uma senhora é um bem tão pre-

cioso, que quando ella o dá a um homem eleva-o rebaixando-se.

CAROLINA.

E a sociedade aproveita-se d'esse erro, applaude o vencedor, e encoraja-o para novas conquistas?

MENEZES.

Toda a virtude que não luta, não é virtude; é um habito. Se não houvesse seductores a honestidade seria uma cousa sem merecimento! Creia-me, Carolina, o mundo é feito assim; deixemos fallar os moralistas; elles podem dizer muita palavra bonita, mas não mudarão nem uma pedra d'esse edificio social que as maiores revoluções não têm podido abater.

CAROLINA.

Ouves, Luiz; tudo se defende, menos a falta de uma pobre mulher.

MENEZES.

Não ha duvida! Fiz uma das minhas. Este maldito costume de escrever folhetins!... Mas desculpe ; não me lembrei que a affligia.

CAROLINA.

Já estou resignada!... Não pertenço mais a este mundo!...

LUIZ.

Has de voltar a clle. Eu te promelto!...

CAROLINA.

Como, meu Deos !…

LUIZ.

Não me acreditas ?

CAROLINA.

Desejava, mas não posso...

LUIZ.

Espera!...

CAROLINA.

Porque não me explicas ?

LUIZ.

Vai ter com Margarida; preciso conversar com Menezes.

CAROLINA.

E depois?

LUIZ.

Depois eu te chamarei.

CAROLINA, a Menezes.

Até logo?

LUIZ.

Elle demora-se.

MENEZES.

Mas de agora em diante póde accusar a quem quizer!...

CAROLINA.

Eu só accuso a mim mesma, Sr. Menezes.

SCENA IV

LUIZ e MENEZES.

MENEZES.

Pobre moça!... Quem diria que depois d'aquelle delirio do prazer viria uma tão nobre e tão santa resignação!

LUIZ.

Isto prova, Menezes, que nem sempre o mundo tem razão; que estas faltas que elle condemna encerrão ás vezes uma grande lição. As mais bellas almas são as que sahem do erro purificadas pela dôr e fortalecidas pela luta.

MENEZES.

Concordo; para Deos assim é, para os homens, não.

LUIZ.

Para os homens tambem. Eu hoje respeito e admiro a virtude de Carolina!

MENEZES.

Não duvido; ha virtudes que se respeitão e admirão, mas que não se podem amar.

LUIZ.

Por que razão?

MENEZES.

Porque o amor é um exclusivista terrivel; foi elle que inventou o monopolio e o privilegio. Já vês que este senhor não póde admittir a concurrencia, nem mesmo do passado.

LUIZ.

Julgas então impossivel amar-se uma mulher como Carolina?

MENEZES.

Concedo que ella excite um desejo ou um capricho, mas um verdadeiro amor, não.

LUIZ.

0 que dizes é verdade se o amor aspira á posse; mas se elle é apenas um gozo do espirito?

MENEZES.

Não creio na existencia de semelhante sentimento.

LUIZ.

Entretanto é assim que amo Carolina.

MENEZES.

Ainda?

LUIZ.

Mais do que nunca.

MENEZES.

E que futuro tem semelhante amor ?

LUIZ.

É justamente sobre isso que desejo conversar comtigo. Araujo não deve tardar; mandei-o chamar!

MENEZES.

Se não me engano ouço a sua voz.

LUIZ.

É elle !

SCENA V

OS MESMOS e ARAUJO.

ARAUJO.

Por que razão teu criado não me quiz deixar entrar pelo teu gabinete?

LUIZ.

Foi ordem que lhe dei.

ARAUJO.

Pois deves revogal-a... É massada!...

LUIZ.

E por hoje unicamente

ARAUJO, a Menezes.

Como vais?

MENEZES.

Já me estás com uns ares de capitalista.

ARAUJO.

Infelizmente são ares apenas.

MENEZES.

A realidade não tarda; o mais difficil já conseguiste; estás estabelecido.

ARAUJO.

Por fallar n'isto, adivinha quem me appareceu hoje querendo que o tomasse para caixeiro do balcão.

MENEZES.

Quem?

ARAUJO.

O Vieirinha.

MENEZES.

Ah!

LUIZ.

Falla mais baixo; Carolina póde ouvir-te.

ARAUJO.

O engraçado porém é que depois do não redondo que lhe preguei na bochecha, a dous passos da porta foi recrutado.

MENEZES.

Não merecia essa honra. A missão de defender o seu

paiz é muito nobre para ser confiada ao primeiro tratante que se agarra na rua.

ARAUJO.

Que te importa isso? O paiz não ganhará um soldado, porém ao menos ensinará um velhaco.

LUIZ.

Não percamos tempo. Senta-te!

ARAUJO.

É verdade! Para que me mandaste chamar?

LUIZ.

Para communicar-te, e a Menezes, uma resolução minha!

ARAUJO.

Que solemnidade!

LUIZ.

O objecto exige.

ARAUJO.

Pois então falia de uma vez.

LUIZ.

Tu que me tens acompanhado desde o principio da minha vida, sabes qual foi o meu primeiro amor. O que porém não sabes, é que apezar de tudo, apezar da vergonha e do escandalo, nunca deixei de amar Carolina. Combati essa paixão louca e extravagan ! e; não pude extinguil-a; consegui apenas dominal-a.

ARAUJO.

Mas hoje é ella que te domina.

LUIZ.

Não, Araujo; Carolina nem suspeita! Habituei-me por tanto tempo a reprimir os meus sentimentos, que elles me obedecem facilmente. Não é pois o coração, é a razão que dictou a resolução que tomei.

ARAUJO.

Que resolução, Luiz?

LUIZ.

Vou casar-me com Carolina.

ARAUJO.

Como teu amigo, não consentirei que dés semelhante passo.

LUIZ.

Porque?... Dous annos de expiação e de lagrimas remirão essa alma que se extraviou. Á força de coragem e de soffrimento ella conquistou a virtude em troca da innocencia perdida. O mundo já não tem o direito de a repellir ; mas exigente como é, quer que o nome de um homem honesto cubra o passado.

ARAUJO.

E tu fazes o sacrificio ?

LUIZ.

Sem a menor hesitação. Tenho morto o coração; todo

o amor que havia em minha alma dei-o a Carolina; a fatalidade quiz que elle se consumisse em desenganos; era o meu destino. Que posso eu fazer agora de uma vida gasta e sem esperança?... Não é melhor aproveital-a para dar a felicidade a uma creatura desgraçada do que condemnal-a á esterilidade?... Que dizes, Menezes?

MENEZES.

Digo que terás de sustentar contra o mundo um combate em que muitas vezes sentirás a tua razão vacillar. A sociedade abrirá as suas portas á tua mulher; mas quando se erguer a ponta do véo, has de ver o sorriso do escarneo e o gesto do desprezo, que a acompanharáõ sempre. Toda a virtude de Carolina, toda a honestidade de tua vida, não farão calar a injuria e a maledicencia. Tens bastante força e bastante coragem para aceitar esse duello terrivel de um homem só contra uma sociedade inteira?

LUIZ.

Tenho!

MENEZES.

Então, faz o que te inspira o amor; é um nobre, mas inutil sacrificio.

ARAUJO

Carolina já sabe da tua resolução?

LUIZ.

Não; e só deve saber no momento. Conheço-a e temo

a sua recusa ! Por isso dispuz tudo em segredo; alli está preparado um altar...

ARAUJO.

Para hoje ?

LUIZ.

Sim ; é preciso não deixar um instante á reflexão.

MENEZES.

Pensas bem!

ARAUJO.

Comtudo essa precipitação...

LUIZ.

A vida não é tão longa que valha a pena gastal-a em calcular o que se deve fazer.

ARAUJO.

Na minha opinião nunca é tarde para fazer uma loucura.

MENEZES.

Vamos conversar com Carolina. O Sr. Ribeiro e Luiz naturalmente desejão ficar sós.

SCENA VI

LUIZ, RIBEIRO e UMA MENINA.

RIBEIRO.

Custou-me a cumprir a minha promessa.

LUIZ.

E sempre triste separar-se um pai de sua filha.

RIBEIRO.

Oh! Não faz idéa... Mas virei abraçal-a todos os dias.

LUIZ.

Perdão, Sr. Ribeiro ! De hoje em diante esta menina deixa de ser sua filha !

RIBEIRO.

Que diz, senhor!... Podia eu consentir em semelhante cousa?...

LUIZ.

Falta á sua palavra'?

RIBEIRO.

Entendi mal. Julguei que me pedia deixasse minha filha em companhia de sua mãi, podendo vêl-a quando quizesse.

LUIZ.

O senhor ignora que amanhã Carolina terá um marido. A sociedade exige que esse marido seja reputado o pai de sua filha.

RIBEIRO.

Um marido!... Quem?...

LUIZ.

Eu, senhor!

RIBEIRO.

Ah!...

LUIZ.

É com este titulo que reclamo o cumprimento da promessa que hontem me fez.

RIBEIRO.

Um pai não póde deixar que sua filha passe como filha de um estranho.

LUIZ.

Então esse pai deve legitimar o seu direito.

RIBEIRO.

Que quer dizer ?

LUIZ.

Quero dizer que em vez do meu, Carolina póde ter o seu nome.

RIBEIRO.

Nunca!

LUIZ.

N'este caso é uma crueldade recusar a filha á mãi a quem se roubou a honra. Lembre-se, Sr. Ribeiro, que essa moça, de cuja desgraça o senhor foi a primeira causa, só póde ter uma felicidade n'este mundo: a maternidade ; emquanto que o senhor d'aqui a alguns dias amará uma mulher, terá uma familia, e gozará das affeições puras que Carolina perdeu para sempre.

RIBEIRO.

Ella fará o mesmo. Não vai casar-se?

LUIZ.

O senhor não me comprehendeu. Dou a Carolina o meu nome; não exijo d'ella um amor impossivel.

RIBEIRO.

Sou pai, senhor!

LUIZ.

E ella é mâi. Entre os dous quem terá mais direito a esta menina? O senhor, para quem ella representa uma affeiçâo que póde ser substituida; ou Carolina, para quem ella é a existencia inteira ?

RIBEIRO.

Não exija uma cousa contra a natureza.

LUIZ.

Exijo uma reparação que um homem honesto não póde recusar.

RIBEIRO.

Essa reparação offereci-a outr'ora.

LUIZ.

Isto não o desobriga; todas as faltas que ella commetteu erão consequencias necessarias da primeira.

Carolina entra precipitadamente e abraça a menina.

SCENA VII

OS MESMOS, CAROLINA e MARGARIDA.

CAROLINA.

Minha filha... Como está bonita!... Tu conheces tua mãi?... Abraça-me!

LUIZ.

Tem animo de separal-as ?

RIBEIRO.

Custa-me!... É verdade!

LUIZ.

Não lhe digo nada mais, Sr. Ribeiro. Alli está uma mulher que o senhor fez desgraçada; hoje que ella vai rehabilitar-se, consulte a sua consciencia, e proceda como entender. Se julga que depois de a ter seduzido deve ser

um obstaculo á sua regeneração, arranque-lhe a filha dos braços, e complete a sua obra.

RIBEIRO.

Se soubesse como amo esta menina !

LUIZ.

Não mostra!

RIBEIRO.

Que diz, senhor!

LUIZ.

Se a amasse verdadeiramente não hesitaria ctn fazer-lhe esse sacrificio. Que responderá o senhor um dia á sua filha quando ella lhe perguntar por sua mâi ?...

RIBEIRO.

Basta, senhor!

CAROLINA , assustada.

Quer leval-a outra vez?

RIBEIRO.

Quero dizer-lhe adeos.

CAROLINA.

Ah!

MARGARIDA, baixo a Luiz,

Antonio está ahi.

LUIZ.

Mande que espere um momento.

Sahe Margarida com a menina.

SCENA VIII

LUIZ e CAROLINA

LUIZ.

Estás satisfeita, Carolina?

CAROLINA .

Tanto quanto me é possivel!

LUIZ.

Ainda te falta alguma cousa, não é verdade?

CAROLINA.

Falta-me o que nunca mais poderei obter !

LUIZ.

Porque? Não te prometti ha pouco?

CAROLINA.

Sim; mas essa promessa não se realisará!...

LUIZ.

Depende de uma palavra tua.

CAROLINA.

Como ?...

LUIZ.

Consentes em ser minha mulher ?

CAROLINA.

Luiz!...

LUIZ.

Responde!

CAROLINA.

Não!

LUIZ.

Recusas, Carolina?...

CAROLINA.

Eu te amo, Luiz! Deos sabe que poder tem este amor em minha alma; Deos sabe que para partilhal-o comtigo, para ser amada porti, eu daria, talvez não creias, eu daria o amor de minha filha ! Porém nada n'este mundo me faria sacrificar a tua felicidade!

LUIZ.

Como te enganas! Não é um sacrifício.

CAROLINA.

Queres dar-me á custa de tua honra um titulo de que eu me tornei indigna. Não devo aceital-o...

LUIZ.

Mas eu tambem te amo !...

CAROLINA.

Tu?... Tu me amas... Luiz?... Não acredito !

LUIZ.

Deves acreditar.

CAROLINA.

Não ! Não é possivel! Depois do meu crime, Deos não podia dar-me tanta ventura! Que reservaria elle para a virtude?

LUIZ.

Deos já te perdoou, Carolina. Vê !

CAROLINA.

Um altar?

LUIZ.

Que nos espera.

CAROLINA.

Luiz, pelo que ha de mais sagrado, responde-me : este casamento é necessario para a tua felicidade?

LUIZ.

Eu te juro!

CAROLINA.

Então... Cumpra-se a tua vontade!

SCENA IX

ANTONIO.

Scena muda. Toca a musica durante o tempo em que se celebra o casamento. Pouco depois de esvaziar-se a scena, Antonio, quebrado pelos annos e em canecido, entra; olha com uma admiração profunda o que se passa na sala immediata. Ajoelha e reza.

SCENA X

ANTONIO, LUIZ e CAROLINA.

ANTONIO

Ah!...

LUIZ.

Antonio, eu te restituo a filha que perdeste.

CAROLINA.

Meu pai!

ANTONIO.

Carolina!

LUIZ

Abençôa tua filha!

ANTONIO.

Depois que ella me perdoar !

CAROLINA.

Sou eu que preciso de perdão !... Meu pai !
Abração-se.'

LUIZ.

Agora, Antonio, entra naquella sala; deixa-me dizer duas palavras á minha mulher.

SCENA XI

LUIZ e CAROLINA.

CAROLINA.

Tua mulher!.., Ainda não creio, Luiz!... Perdoada por meu pai, estimada por ti!.., Gozar ainda esse prazer supremo de occupar a tua alma, de viver para a tua felicidade!... Nunca pedi tanto a Deos!... Dize, dize que me amas, para que não me arrependa de ter aceitado este sacrificio!...

LUIZ.

Amo-te, Carolina.

CAROLINA.

Mas se não puderes esquecer... Se a lembrança do passado surgir, como um espectro... Não me accuses, Luiz !... Foste tu que o exigiste!

LUIZ.

Não tenhas esse receio, Carolina. Tu és minha mulher perante o mundo. Perante Deos...

CAROLINA.

0 que sou ?

LUIZ.

És minha irmã.

CAROLINA.

Tens razão ! O nosso amor é impossível.

LUIZ.

É puro e santo !... Ha de ser feliz!

CAROLINA.

Já não existe felicidade para mim!...

LUIZ.

Existe, Carolina. Existe ao pé de um berço!... Sê mãi!

CAROLINA.

Minha filha!... Sim! Viverei para ella!

A scena enche-se.

LUIZ.

E agora... Conheces estas fitas?

CAROLINA.

Ainda as conservas!

LUIZ.

São o emblema de tua vida e a historia da minha. São as azas de um anjo que as perdeu outr'ora, e a quem Deos as restitue n'este momento.

CAROLINA.

Ah!...

FIM.

PARIS. — TYP. PORTUG. DE SIMÃO BAÇON E COMP, RUA D' ERFURTI, 1.

NAS MESMAS LIVRARIAS

BRUTO, tragedia de VOLTAIRE. 1 vol. brochado 640

CASAL DAS GIESTAS (O), drama em 5 actos e 8 quadros, precedido de um prologo, por FREDERIC SOULIÉ, traduzido por ANTONIO REGO. 1 vol. brochado . . . . 1$000

CASTANHEIRA (A), ou a Brites papagaia, entremez. 1 vol. br.. 20

CAVALLEIRO (O) da casa vermelha, episodio do tempo dos Girondinos, drama em 5 actos e 12 quadros, por A. DUMAS e A. MAQUET, traduzido por ANTONIO REGO. 1 vol. brochado . . . . 1$000

CLARA HARLOWE, drama em 3 actos, entremeiado de canto, por DUMANOIR, CLAIRVILLE e GUILLARD, traduzido por ANTONIO REGO. 1 vol. brochado . . . . 1$000

DOUS (Os) SERRALHEIROS, drama em 5 actos, por FÉLIX PYAT, traduzido por ANTONIO REGO. 1 vol . . . . 1$000

ENGAJAMENTO (O) na cidade do Porto, comedia em lacto............... . 500

ESTALAGEM (A) da Virgem, drama em 5 actos, por II. HOSTEIN e TAVENET, traduzido por ANTONIO REGO. 1 vol. brochado. . . 1$000

FECHAMENTO (O) DAS PORTAS, farça dedicada ao caixeiro mais patusco do Rio de Janeiro. 1 vol. brochado 500

GASPAR HAUSER, drama em 4 actos, por ANICET BOURGEOTS e D'ENNERY, traduzido por ANTONIO REGO. 1 vol. brochado 1$000

HEROISMO BRASILEIRO (O), ou o naufragio da corveta D. Isabel, drama marítimo em 3 actos, composto por D. JOSÉ JOAQUIM FRANCIONI, offerecido e dedicado aos Srs. officiaes da Marinha e Exercito do Brasil no anno de 1861. 1 vol. brochado . . . . 2$000

INGLEZES (Os) no Brasil, comedia em 2 actos, por D. JOSÉ LOPES DE LA VEGA. 1 vol. brochado 500

MADEMOISELLE DE BELLE-ISLE, drama em 5 actos, por ALEX. DUMAS, traduzido por ANTONIO REGO. 1 vol. brochado. . . . 1 $000

MÃI, drama em 4 actos, por JOSÉ DE ALENCAR. 1 vol. in-8 nitidamente impresso . . . . 1$500

MARIA DE CASTAGLI, ou o rancor do vinte annos, drama em 3 actos, composição original do Dr. JOSÉ MANUEL VALDEZ E PALACIOS. 1 volume brochado . . . . 1$000

MARIDO (O) APOUQUENTADO, comedia em 1 acto. 1 vol. . . . 500

ORPHÃOS (Os) da ponte de Nossa Senhora, drama cm 5 actos e 8 quadros, por ANCET BOURGEOIS e MASSON, traduzido por ANTONIO REGO. 1 vol. br . . . . 1$000

PELAIO, ou a vingança de uma affronta, drama em 4 actos, por A. M. DE SOUZA. 1 vol. in-4 brochado . . . . l$á000

PHENOMENO (O), ou o filho do mysterio, comedia em 1 acto. . 500

POR CAUSA DE MEIA PATACA, comedia em 1 acto, por JOSÉ ALARICO RIBEIRO DE REZENDE. 1 vol. brochado 500

QUEM PORFIA MATA CAÇA, comedia, por L. C. M. PENNA. 1 volume brochado 600

SIMÃO O LADRÃO, drama em 4 actos, por LAURENCIN, traduzido por ANTONIO REGO. 1 vol. brochado . . . . 1$000

THEATRO DO Dr. J. M. DE MACEDO. 3 vol. in-8 nitidamente impressos e encadernados . . . . 9$ 000

Vol. 1° : Luxo e Vaidade, Primo da California, Amor e Patria. —Vol. 2° : A torre em concurso, 0 Cego, Cobé, Abrahão. —• Vol. 3°: Lusbela, Fantasma Branco, Novo Othello.

O 1° volume vende-se separadamente brochado 2 $000

AS SEGUINTES PEÇAS TAMEEM VENDEM-SE SEPARADAMENTE :

A torre em concurso. . . . . 1$500
Lusbela . . . . 1$500
Fantasma Branco . . . . 1$500
Novo Othello 500

TIRADENTES ou **AMOR E ÓDIO,** drama histórico em 3 actos, original brasileiro, por. JOSÉ RICARDO PIRES DE ALMEIDA. . . . 1$500

VESTIDOS (Os) BRANCOS, drama em 2 actos, ornado de canto, por L GOZLAN, traduzido por A. M. LEAL. 1 vol. brochado.. . . 1$000

29, OU HONRA E GLORIA, comedia-drama de costumes militares, em 3 actos e 4 quadros, offerecida e dedicada a S. M. el-rei o Sr. D. Pedro V, por JOSÉ ROMANO. 1 vol. in-8 brochado 1$000

PARIS. — TYP. DE SIMO.N RAÇQN E COMP.. RUA O ERFURT 1.,